

# ILUSTRAÇÃO



5.º ANO  
N.º 99

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1930

PREÇO

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

4\$00





V  
E  
R  
R  
A  
M  
O  
N

60334604



Tubos de  
10 e 20 compr.

*O seu melhor amigo*

é o Veramon porque faz desaparecer as doenças próprias do sexo feminino, acalmando a dôr e restabelecendo o bemestar geral e o bom humor. — Se o mal se agravar, não deixe V. Ex<sup>a</sup> de consultar, a tempo, o médico; mas, de momento, evite o sofrimento empregando o Veramon, que é inocuo e eficaz.

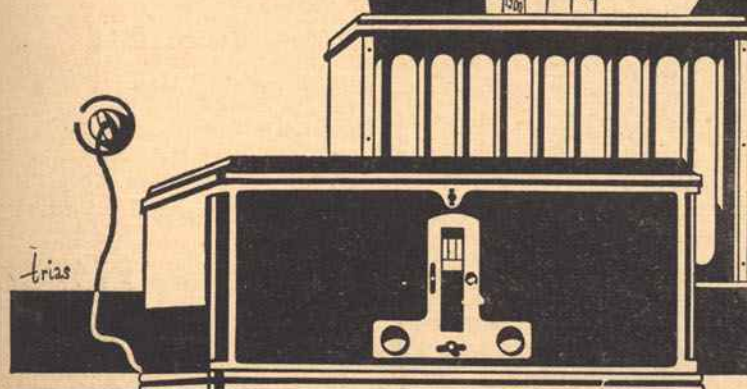


# RADIO TELEFUNKEN

O «NON PLUS ULTRA» DO «RADIO»

## TELEFUNKEN 40

com selecção das estações europeias por kilociclos ; liga-se directamente à corrente de iluminação. Sem antena exterior. Peça folheto e demonstração a tôdas as casas de material de «rádio»



A mais antiga experiência  
A mais moderna construção

# TELEFUNKEN



SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE A. F. G.

LISBOA — RUA DOS FANQUEIROS, 12-16

PORTO — RUA SÁ DA BANDEIRA, 209-215



# NALLY O IMAN DA BELEZA

**A  
L  
L  
Y**

são perfumes da mais alta distinção!  
sabe tornar a mulher bela, desejada e sedutora!  
são produtos consagrados que se impõem absolutamente!  
leva a magia e o encanto na adorável «finesse» das suas essências!  
não receia confrontos com as grandes marcas de maior reputação universal!  
irá apresentando sucessivamente as suas mais recentes criações!  
tem fixadores exclusivamente seus, de surpreendente novidade e fantasia!  
pode ser imitado na sua rotulagem ou embalagem, mas nunca na sua qualidade!  
tem o segredo da atracção para o grande público, que quere dar a nota da elegância e distinção!

**ULTIMA NOVIDADE - Gavotte de Nally:** ESSÊNCIA (em frascos de luxo, a pêsso e em tubos de estilete); PÓS DE ARROZ em caixa leque a 10\$00; redondas a 7\$00; quadradas a 3\$00; compacto a 10\$00 e 4\$00); CRÈME; LOÇÃO; BRILHANTINA; ÁGUA DE COLÓNIA.

**Mostruário de essências de Nally,** com 12 pequenos tubos, contendo 12 das mais escolhidas essências da NOVA SÉRIE, 13\$00!

Tôdas as essências de NALLY da NOVA SÉRIE, exactamente as mesmas que se vendem em luxuosos estojos e lindíssimos frascos, vendem-se também economicamente, A PÊSSO, já em tubos de 5, 10 e 20 gramas, ou de estilete, para evitar falsificações.

**Os produtos BENAMOR são fabricados segundo a técnica dos produtos NALLY e perfumados com as suas essências**

Os PÓS DE ARROZ das marcas NALLY ou BENAMOR, cuja venda se pode considerar como um prodígio, tem a justificá-la a sua magestosa qualidade, aliada aos seus inimitáveis perfumes. São verdadeiros artigos de grande beleza, preparados com matérias primas e por processos que lhe trouxeram o triunfante êxito que nenhum fabricante, dos que melhor fabricam, conseguiu ainda suplantar.

**Crèmes, Brilhantinas, Batons, Crayons, Rouges, Shampôos, Verniz e Contra-verniz para unhas, Pó para unhas, Depilatório, Loções, Água de Colónia, Sabonetes, Pasta e Elixir dentífrico, e (brevemente Tintura para cabelos)**

que tenham qualquer das marcas NALLY e BENAMOR, dão à mulher moderna a máxima garantia de atingir o fim desejado: a saúde e a beleza da sua pele e a sedução do seu rosto!

---

**«NALLY» UM AMOR DE MARCA... QUE MARCA!**

VENDE-SE NA

Secção de Perfumaria da EVA, Largo Trindade Coelho, 10—LISBOA

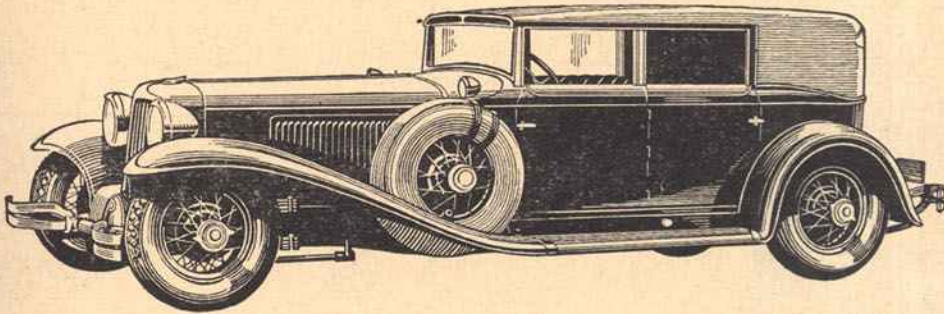
E EM TODOS OS BONS ESTABELECIMENTOS DO PAÍS



**O NOVO**

# “CORD”

DE RODAS DEANTEIRAS MOTRIZES  
CONSTRUIDO PELA AUBURN  
CHEGOU FINALMENTE A PORTUGAL



Linhas mais elegantes.

Maior espaço para carroçerie.

Centro de gravidade mais baixo.

Melhor suspensão.

Segurança absoluta — muito menor ten-  
dência á DERRAPAGE.

Arranque fulminante.

Impossibilidade absoluta de SHIMMY.

Melhor acessibilidade de todos os órgãos.

Ausencia de vibração e silencio maximo.

São estas algumas razões porque o novo

“CORD” está causando o

**MAIOR SUCESSO EM  
TODO O MUNDO.**

---

AGENTES PARA O SUL:

**A. M. ALMEIDA, L.<sup>DA</sup>**

39, RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 39-A — LISBOA



## RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS  
PARA OS CUIDADOS DA PELE

### ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: MADAME CAMPOS

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA



O pó de arroz  
**ETOILE NOIRE**  
de  
**GELLÉ FRÈRES**  
PARIS  
dá á pele uma beleza e uma  
frescura incomparáveis.

De finissima qualidade, quasi imperceptivel, não  
mascara e deixa na pele o seu perfume unico,  
persistente e cativante.

Experimentá-lo é preferi-lo para sempre!  
Experimente-o, minha Senhora.

A venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS STETTEN & C. LDA 119, RUA DA MADALENA LISBOA

### UM AMERICANO INVENTA UM NOVO APARELHO PARA ECONOMIZAR GASOLINA

Walter Critchlow, 1909 E. St. Wheaton, Illinois,  
E. U. A.

Tirou patente de invenção dum aparelho que economisa gazo-  
lina por meio da humidade do vapor e elimina o carvão usado  
em todos os automoveis e maquinas, e é me hor que todos os  
conhecidos até hoje. — Nos antigos Ford verificou-se um ren-  
dimento de 26 1/2 quilometros por litro. Nos novos, de 22 1/4  
quilometros. — Noutras marcas produz aumentos surpreendentes  
de 1/4 a 1/2 e mais. — O Sr. Critchlow está pronto a enviar um  
exemplar para experiencia. Deseja tambem agentes em todos  
os países, que possam ganhar de 250\$00 a 1.000\$00 por mês.  
— Escrever em inglês hoje mesmo a W. CRITCHLOW, 1909 E.  
St. Wheaton, Illinois, E. U. A.

GRANDE NOVIDADE LITERÁRIA

### FABULAS E HISTORIETAS

DE ACACIO DE PAIVA

É o livro que se recomenda a todo o  
leitor miudinho: os versos são de uma  
simplicidade encantadora e maravilhosas  
as ilustrações de Vasco Lopes de Men-  
donça

PREÇO 12\$50

A venda na Filial do «Diário de Notícias»  
Largo de Trindade Coelho, 10 e 11  
e nas outras livrarias

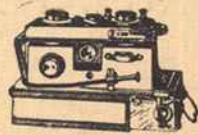
# MAGAZINE BERTRAND

CONTINUA A MANTER  
A SUA SUPREMACIA

LEIAM O NÚMERO DE FEVEREIRO

Os Tres Melhores  
**APPARELHOS**  
de  
photographia  
estereoscopica

# Jules Richard



**VÉRASCOPE**  
45-107 6-13 7-13  
**GLYPHOSCOPE**  
45-107 6-13  
**HOMÉOS**  
27 VISTAS SOBRE PELTICULAS

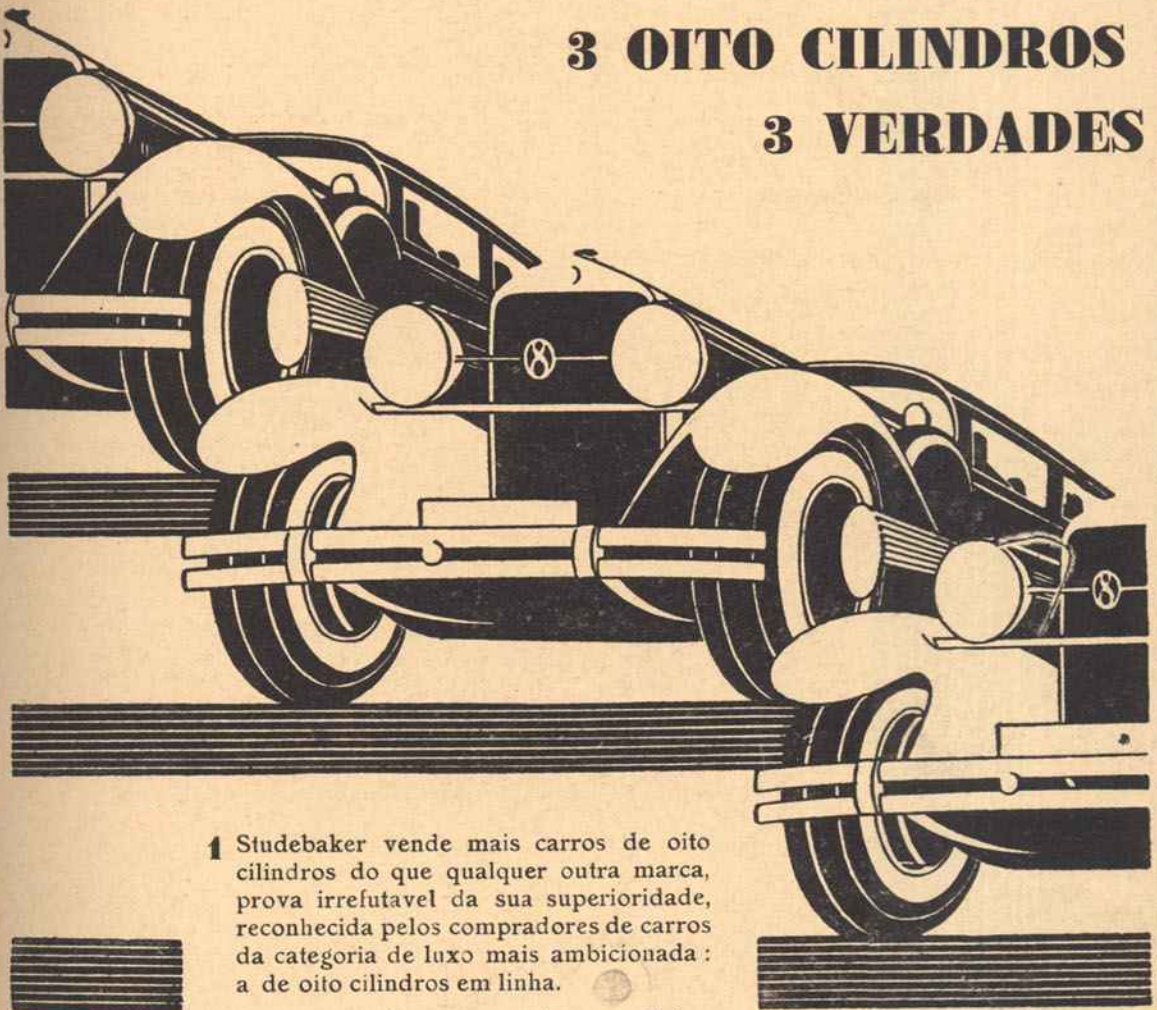
ENVA-SE O CATALOGO AQUEM O SOLICITAR

St<sup>e</sup> A<sup>m</sup>e des E<sup>l</sup>s JULES RICHARD. 25 RUE MELINGUE  
MAGASIN DE VENTE 7, RUE LA FAYETTE PARIS



# 3 OITO CILINDROS

# 3 VERDADES



- 1 Studebaker vende mais carros de oito cilindros do que qualquer outra marca, prova irrefutável da sua superioridade, reconhecida pelos compradores de carros da categoria de luxo mais ambicionada: a de oito cilindros em linha.
- 2 O estilo, as côres harmoniosas, as linhas elegantes do "Presidente", do "Comandante" e do "Dictator" Studebaker, fazem sobressair a sua supremacia sobre todas as marcas de automoveis.
- 3 PREÇO. A fabrica Studebaker bate o "récord" em valor, com estes trez 'oito cilindros', mais economicos no seu custo inicial e no da manutenção, do que muitos 'seis cilindros'.

*Podeis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital.*

*Unicos representantes para Portugal:*

**C. SANTOS, LDA.**

Lisboa : Rua do Crucifixo 55 a 59

Porto : Praça da Liberdade - Edificio da Nacional.

A18P30

# STUDEBAKER



k



PETROLEO **O** GAZOLINA

**SHELL**

**OS TREZ REIS MAGOS**

THE LISBON COAL & OIL FUEL C<sup>o</sup> LTD.

LISBOA - PORTO - COIMBRA - FARO



COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO  
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º  
(Ant. R. da Procissão)  
Telef. T. 871

EDITOR: Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 69

# ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:  
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR:  
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE DE:  
EMPRESA NACIONAL  
DE PUBLICIDADE  
E  
AILLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO  
R. Diário de Notícias, 78  
Telef.: T. 821 a 824

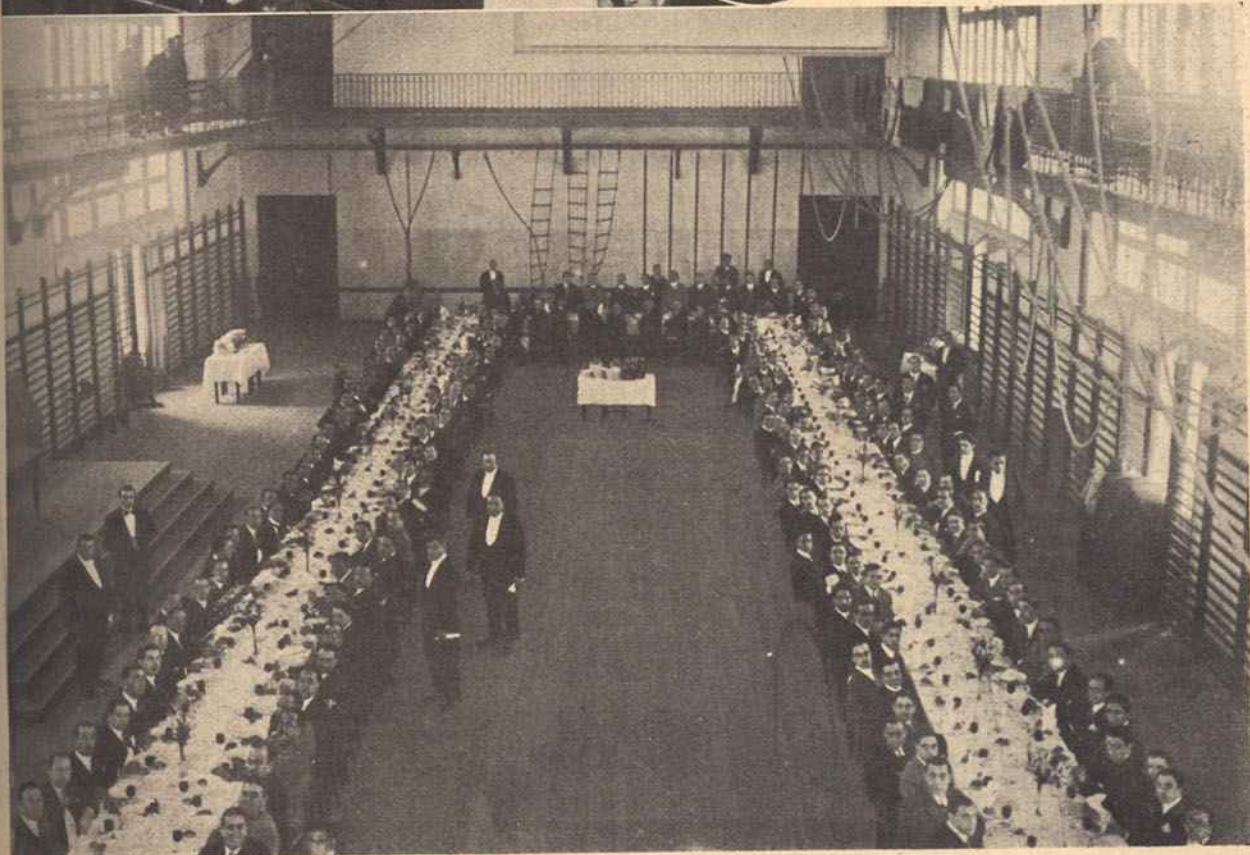
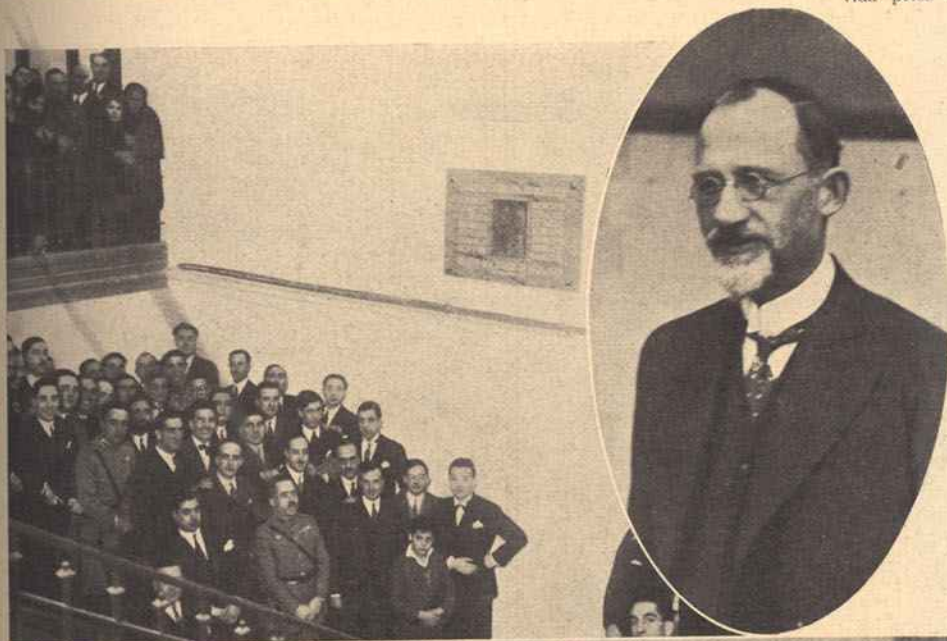
1 DE FEVEREIRO DE 1930

## UMA FESTA FORMOSÍSSIMA E DE ALTO SIGNIFICADO

A grande festa de homenagem ao eminente educador dr. António Joaquim de Sá Oliveira, antigo reitor dos liceus da Lapa e de Pedro Nunes constituiu, a par de um grande êxito social uma altíssima lição moral. Foi a festa promovida pelos alunos daqueles liceus, ali matriculados desde 1905 a 1919, hoje todos ocupando as mais altas situações na vida nacional, que foram, junto do homem de bem e de carácter, que lhes orientou os primeiros passos na vida, fazer o protesto solene da sua gratidão pelos conselhos, pelo alto exemplo de honradez e civismo e pelos elementos de luta recebidos durante a sua permanência naquele grande estabelecimento de ensino. Os poderes públicos prestaram justiça ao grande pedagogo nomeando-o reitor honorário daquele liceu.

As nossas fotos representam: o acto da inauguração da lãpide que ficou comemorando a festiva data da homenagem, o dr. Sá e Oliveira pousando para a nossa revista e o aspecto do banquete de duzentos talheres no Gimmásio do Liceu.

(Fotos Illustração.)







# CRONICA DA QUINZENA

Aparece este número da *Ilustração* precisamente no dia em que faz vinte e dois anos que foram assassinados, na Rua do Arsenal, o rei D. Carlos e o príncipe D. Luís Filipe.

Falhará a projectada revolução de 28 de Janeiro, e dois homens exaltados, dispondo-se a morrer, procuraram na execução dum assassinato colectivo, a solução duma crise política.

Poucos anos antes, tivera lugar uma tragédia semelhante; mas aí tudo fôra longa e pacientemente preparado e disposto para que à morte do rei e da rainha se seguisse um movimento revolucionário que pusesse no trono o chefe duma nova dinastia. A fraqueza do rei Alexandre, fraco e crapuloso, a libertinagem da rainha Draga, devassa e libertina, tinham concitado as mais justificadas e veementes cóleras, o ódio mais exaltado contra a família real, porque ela aviltava as instituições e arruinava a Nação. Um jornal de Paris, *Europhén*, dando conta do que ia pela Sérvia, escreveu esta frase tremenda, que se tornou a divisa do povo sérvio: — *Há na vida dos pozos uma hora em que o assassinato é um dever.*

Certo é que em 29 de Maio de 1903, após uma festa régia, no Club Militar, em Belgrado, assistindo representantes de todas as unidades militares do pequeníssimo reino sérvio, a tropa assaltou os paços reais e, ao cabo duma luta encarniçada, quasi às escuras, o rei Alexandre, atirado por uma janela, esmigalhava o crâneo nas pedras da calçada, e a bela Draga, surpreendida em camisa, era morta às lançadas, não havendo, sequer, a piedade de lhe meter uma bala no coração.

Para o assassinato do rei D. Carlos e do príncipe D. Filipe combinaram-se dois homens, dois exaltados que ansiavam pela extinção da realeza, e acreditaram que o seu devotado sacrificio salvaria uma Pátria a caminho de se perder.

Ainda os cadáveres do rei e do príncipe estavam no Arsenal, onde os haviam recolhido, e já os políticos intrigavam, disputando-se a successão ministerial, como se duma vulgar crise se tratasse, crise de governo, como tantas outras, de solução fácil, embora demorada, e não duma crise afectando a mais alta magistratura do reino.

Foi-se buscar à boémia das ceias makavencas o homem que havia, como chefe de governo, de guiar os passos incertos duma criança, sem a menor preparação, teórica ou prática, para o exercicio das funções reinantes. E como se a tragédia da Rua do Arsenal tivesse sido apenas um episódio sem valor

numa revista de ano, vá de prosseguir nas ruínas práticas da política e da administração, nem instruídos pela clara lição dos factos, no passado, nem acautelados pelo rumor dos perigos que já entenebreciam o futuro.

Fêz-se a Revolução de 1910, e adoptou-se uma República unitária e parlamentar para não quebrar a continuidade histórica no respeitante ao regime político da Nação. Como era natural, a unidade do Partido Republicano, mais aparente do que real, não se manteve, realizando-se já as eleições para a Assembleia Constituinte como se os partidos estivessem formados. Sabiam uns, e pressentiam quasi todos, que a Constituinte se converteria em legislativa, e não podia ser dudoso para ninguém que a unidade do velho partido se dissolveria, por grande que fosse o desejo de mantê-la, no fragor das lutas parlamentares.

Durante o reinado de D. Luís formara-se no Partido Republicano uma forte corrente federalista, com base nos trabalhos político-económicos de Rodrigues Nogueira, morto em plena mocidade, mas tendo ainda assim documentado o seu altíssimo valor num livro que poucos conhecem, e que se intitulava — *Estudos sobre a reforma*. Em Espanha, mercê do alto prestígio e incontestada autoridade de Pi y Margall, a corrente federalista era muito grande, mas não era dominante, e por isso a República, proclamada em 73, foi unitária.

Sem nenhum propósito de nos absorver, o partido federalista do país vizinho preconizava a entrada de Portugal na federação espanhola — como a Catalunha, como o Aragão, como a Galiza, como todos os velhos reinos, de bem acentuadas características nacionais, que uma vontade omnipotente amalgamara, depois de colher fartos loiros e ruidosas glórias nos campos de batalha.

O sentimento público, em Portugal, foi sempre avesso a qualquer entendimento político com a Espanha, uma aproximação, por cima das fronteiras, que de algum modo compromettesse ou parecesse comprometer a nossa absoluta independência, conquistada com heroísmo e mantida com altivez. Pretendeu a

Espanha que o nosso D. Fernando, alemão de origem, fôsse sentar-se no trono de Fernando e Isabel. D. Fernando, com patriótico orgulho de português de nascimento pôs condições que a Espanha não aceitou, que não podia aceitar sem fazer clara e terminante renuncia aos seus projectos, velhos e reanhos de união ibérica.

Pois bem.

Bastou que nas conversas entre Lisboa e Espanha se falasse de iberismo, embora nos termos mais discretos por banda de Espanha e nos termos da mais vigorosa repulsa por banda de Lisboa, para que a opinião pública se alarmasse, para que o povo português se mostrasse disposto a correr todos os riscos para evitar que a unidade política da Península se fizesse à custa duma vida livre e independente, contando já uns poucos de séculos. Ainda não havia Espanha, e já Portugal era Nação soberana, como tal figurando no concerto das Nações da Europa.

Não havia razões valiosas para que a nossa república fôsse do tipo federal, sendo certo que um regime unitário, republicano ou monárquico, é perfeitamente compatível com uma larga descentralização administrativa, larga bastante para que a vida regional se desenvolva na mais larga medida, sem quebra da unidade económica da Nação e da unidade jurídica do Estado.

Adoptamos, pois, em 1911, o tipo de república unitária, como tem a França, e fizemo-la parlamentar, com duas Câmaras, como era a Monarquia.

O pior foi que os republicanos, dentro e fora do Parlamento, desataram a fazer política à maneira monárquica, esquecidos de que essa política desprestigiara e enfraquecera de tal modo o regime que bastou a loucura heroica de Machado Santos e seus companheiros da Rotunda, para fazer ruir um trono oito vezes secular.

O assassinato de D. Carlos e do Príncipe D. Luís Filipe não foi, para os monárquicos, advertência salutar, que os levasse a pôr termo ao seu desvaio político; é dudoso que os accidentes graves de República, já em dezenove anos de existência, os tenham convencido da necessidade de tomarem outra orientação e adoptarem novos processos.

Parece que nada deixa rasto na lembrança desta gente desmemoriada!

ESTE NUMERO FOI VISADO  
PELA COMISSAO DE CENSURA

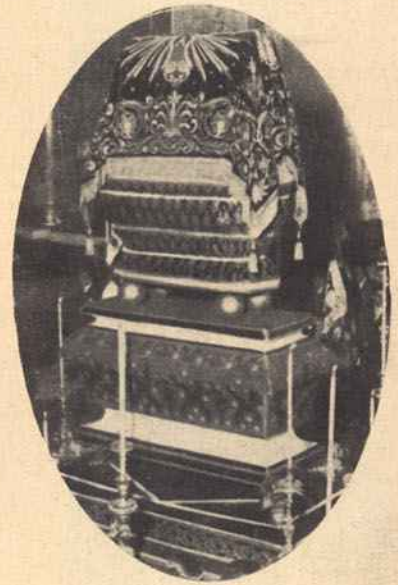
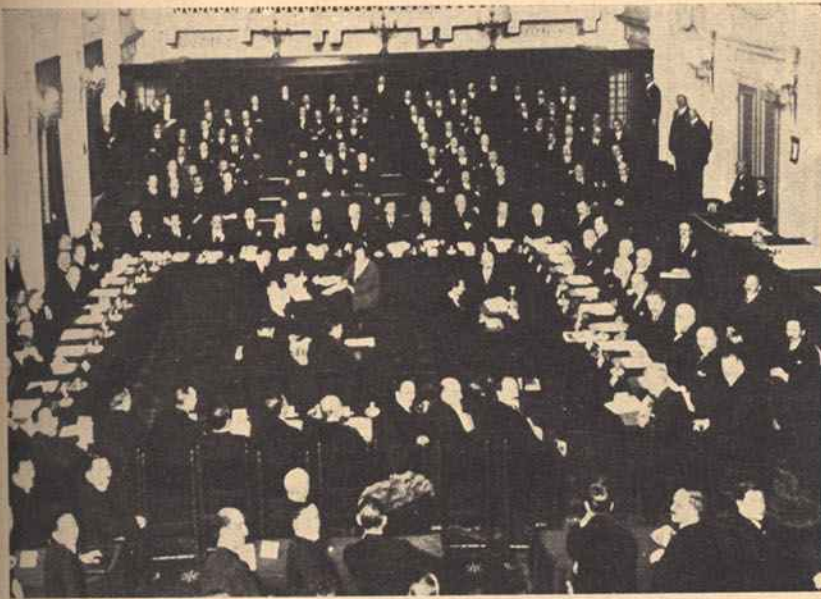
BRITO CAMACHO.



# ACONTECI- MENTOS DA QUINZENA

A ESQUERDA: — Sessão final da Conferência Internacional das Reparações, na Haia, onde, após múltiplos incidentes, se chegou a um acôrdo que, mais uma vez, garante a paz do mundo

(Foto Orrios)



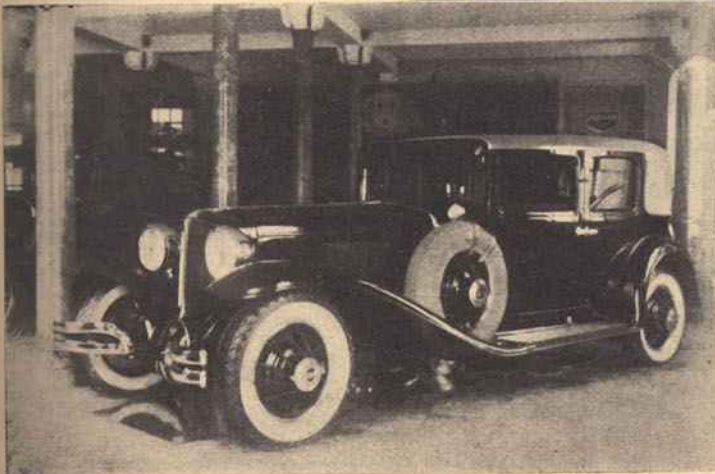
EM LISBOA. — Exéquias por alma do marechal Gomes da Costa. — A monumental caça funerária erguida no templo



Exéquias solênes por alma do marechal Gomes da Costa, heróico comandante do C. E. P. na Flandres, há pouco falecido. — A saída do templo, o Rev.<sup>ma</sup> Bispo de Beja, D. José do Patrocínio Dias, heróico e abnegado chefe dos capelães militares do Exército Português na Flandres, que celebrou a missa solêne, ostentando as suas condecorações sobre os hábitos episcopais e rodeado de outros ex-capelães militares e individualidades que assistiram às cerimónias



UMA REVOLUÇÃO NO AUTOMOBILISMO. — A exposição dos famosos automóveis «Cord», com todas dianteiras motrizes, produto da fábrica Auburn, causou um sucesso enorme. EM CIMA: — O sr. Ministro dos Estados Unidos da América inaugurando a exposição no stand A. M. Almeida, representante dos belos carros. A ESQUERDA: — O sumptuoso modelo «Cord» em exposição, duma beleza e um conforto verdadeiramente inatingidos até hoje na indústria automobilística

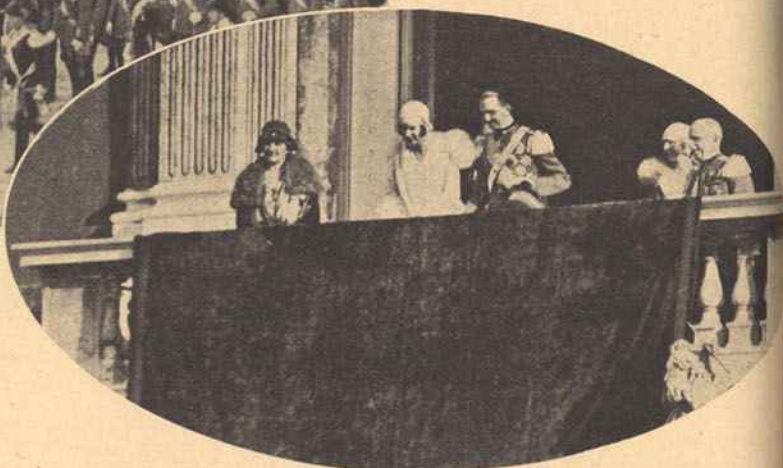




# LÁ POR FÓRA



A ESQUERDA: — O casamento da Princesa Maria José, da Bélgica, com o Príncipe Humberto, da Itália. — Os noivos, depois do casamento, descendo trem para visitar o Pontífice

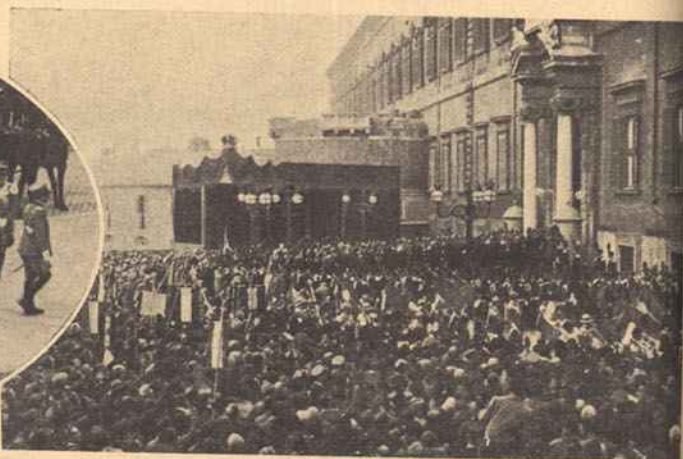


NO OVAL DA DIREITA: — Os esposos saudando o povo da janela do Quirinal. — Da esquerda para a direita: A rainha Helena, a princesa Maria José, o príncipe Humberto, a rainha Isabel e o rei de Itália

NO OVAL DE BAIXO: — Os noivos dirigindo-se ao túmulo do Soldado Desconhecido italiano onde foram orar

A DIREITA, em baixo: — O povo, ante o Quirinal, esperando a chegada dos príncipes

(Fotos Orrios.)



Logo após o casamento principesco. O Rei da Bélgica, a rainha, o príncipe Humberto e a princesa Maria José, ouvindo as aclamações do povo

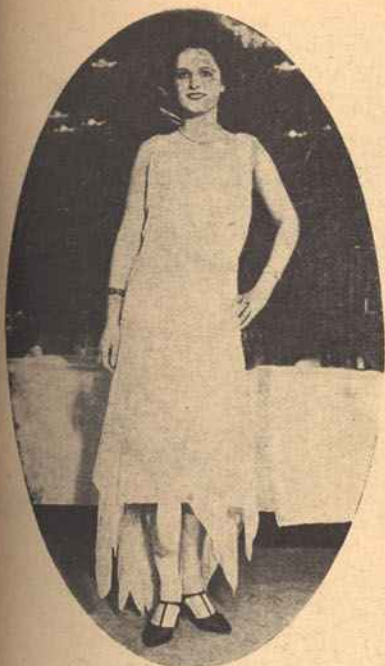
(Foto Orrios.)

A DIREITA — Em Madrid: — S. M. a rainha de Espanha e S. A. R. o príncipe das Astúrias saindo da inauguração do Hospital da Cruz Vermelha. Prova-se por esta foto que são infundados os boatos que correram sobre a saúde do herdeiro do trono

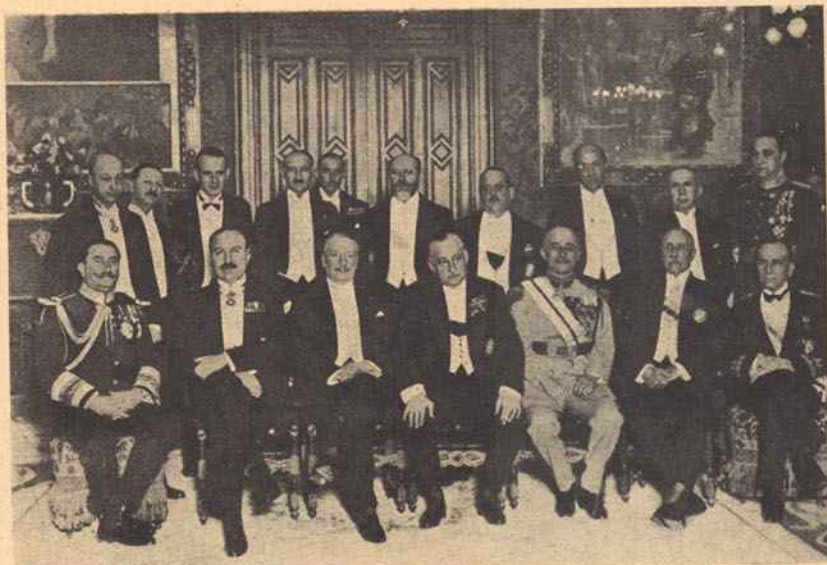
(Foto Orrios.)







M.<sup>me</sup> Ivette Labrousse, eleita «Miss França 1930», e que representará o seu país no próximo Concurso Internacional de Beleza



EM MADRID. — De passagem para Marrocos esteve na capital espanhola o Residente Francês Mr. Lucien Saint, que conferenciou largamente com o Rei e General Primo de Rivera, ligando-se grande importância internacional a essas entrevistas. O Presidente do Conselho, tendo à sua direita Mr. Saint, rodeados por ministros e altos funcionários depois do banquete oficial



ÁFRICA PORTUGUESA. — Aspectos do grande ciclone que assolou Tete, tendo-se uma velha casa zambeziana quasi destruída, uma velha e frondosa árvore arrancada pelo vento e que estava situada na «temba» dos soldados indígenas e por fim o nosso amigo sr. Manuel do Nascimento Monteiro, autor destas fotos, junto



uma chapa de zinco que, arrancada dum dos telhados do hospital, veio cravar-se numa árvore a 100 metros de distância



EM ANGOLA — As famílias dos empregados superiores da C. A. D. A. nas cascatas do Hengue, esperando a Missão Académica, a quem foi oferecido um almôço naquele local (Foto Adélino Oliveira)

NO OVAL, à esquerda: — Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Judite Gonçalves com o sr. dr. António Jacinto Ferreira, distinto médico-veterinário da Câmara de Setúbal. — Os noivos à saída do templo de Santa Eufrásia



# DE NORTE A SUL DE PORTUGAL



(Foto  
Alfaro  
Martins.)



No Pórtro. — O público saindo do templo da Trindade, onde se realizaram exéquias por alma do marechal Gomes da Costa



NO OVAL, de cima: — O Rev. Bispo do Pórtro, srs. Governador Civil, Presidente da Câmara, General comandante da 1.ª Divisão e outra officialidade, à saída do templo da Trindade após as exéquias por alma do marechal Gomes da Costa



NO MEDALHÃO: — Em Aveiro. — O publicista Homem Cristo, Pai, Presidente da Junta Autónoma da Ria e Barra discursando no grande comício do Teatro Aveirense em prol do pórtro de Aveiro e das linhas de penetração nas Beiras

NO OVAL, à esquerda: — Em Gaia — O antigo convento do Corpus-Christi, hoje Instituto Feminino de Educação e Trabalho, há dias inaugurado



Magnífica exposição dos trabalhos dos alunos das Escolas Técnicas e Industriais do país, na Sociedade de Belas Artes, e que alcançou um enorme êxito

(Foto Melo)



Os Bombeiros Voluntários de Ovar, prestimosa e benemérita corporação, comemoraram o seu 32.º aniversário com brilhantes e significativos festejos

(Foto B. Paulino)



## UM CASO GRAVÍSSIMO

## ESTARÁ A "ILUSTRAÇÃO," CONDENADA À MORTE?

Mais uma vez, infelizmente, somos forçados a volver as páginas desta revista em tribuna de protesto, um protesto indignado, veemente, lano mais martirizante e doloroso quanto é certo que vai tomando o aspecto de protesto crónico. De há muito a esta parte que os produtores de papel nacional vêm pretendendo libelir os successivos titulares da pasta das Finanças fazendo-lhes crer que, um aumento dos direitos do papel importado seria uma eficaz protecção para a sua indústria falida e que assim se obrigariam a empresas, editoras de livros, revistas ou jornais, a comprar o papel pelos mesmos prestantes cidadãos fabricado com máquinas e processos de há vinte anos, num país em que não há nem florestas de madeiras próprias a fornecer a pasta nem... pome-se!... o consumo suficiente para sustentar qualquer manufacção a esse papel próprio para as necessidades editoriais!

É claro que nunca os mesmos cavalheiros se dispuseram a, em acareação com os editores, provarem ante técnicos insuspeitos que faziam os papéis que pretendiam ver onerados na importação, nem concordaram nunca em anuir a um vasto mas rápido inquérito que, pondo em confronto a atrozada indústria papelreira, importadora de pastas e até... de operários, com a indústria gráfica e editorial, ao par de todos os aperfeiçoamentos, os mais modernos, produzindo a rivalizar com o melhor que se faz no estrangeiro, empregando milhares dos mais cultos operários portugueses, fornecesse aos poderes públicos elementos para eles avaliarem, com justiça qual das duas indústrias merece protecção.

Nem sempre os manejos escuros surtiram efeito. Mas, de algumas vezes surgiram projectos de modificação pautal no sentido de favorecer esses interesses ilegítimos. Da última vez, sendo ministro o general Sinel de Cordes, a pauta publicou-se modificada ao sabor da ambição dos senhores despóticos do papel. O ministro ouvira o canto da sereia mas, homem de mérito e de honestidade, ouvidas as reclamações dos editores e industriais gráficos, depressa publicou novo diploma revogando tais aumentos.

Na nova pauta agora publicada, novamente os direitos vêm aumentados e adiciona-se ao já disposto uma porção de novos obstáculos a toda e qualquer importação de papel estrangeiro, a pesar de ser certo e sabido que papéis equivalentes se não fabricam em Portugal. Os papéis prepararam, na sombra, cuidadosamente, o ambiente que lhes convinha e a lei foi publicada a pesar da alta cultura e da patriótica visão do senhor ministro porque se lhe pediu uma protecção à indústria nacional decadente que elle generosamente concedeu, convencido de que se tratava realmente duma indústria com meios de vida próprios, capitais nacionais e sobretudo, de certo, porque a S. Ex.<sup>a</sup> foram cuidadosamente occultadas as graves conseqüências desse agravamento.

Como porém, pelas reclamações fundadas, leais e desassombradas que, de todos os lados, chegam sobre esta momentosa questão, se prova que a indústria papelreira é, foi e será sempre, apenas, parasitária das pastas, que o volume do consumo não justifica a sua existência, que ella é apenas transformadora e não produtora e que ella, nem sequer é nacional, pela supremacia de capitais, dirigentes e operários estrangeiros, confiadamente esperamos que o sr. dr. Oliveira Salazar mandará suspender esses artigos da pauta aduaneira, pôr em vigor os que estavam à data da promulgação deste decreto e, urgentemente, por qualquer meio justo, effectuar o inquérito pedido às duas indústrias e do qual só poderá resultar esta verdade: protecção, sim, mas para os escriptores portugueses, para o livro português, para a lingua portuguesa, para os editores, industriais gráficos, jornalistas, operários, todos portugueses, todos trabalhando vidas inteiras, hora a hora, segundo a segundo, para o engrandecimento duma pátria que tem como supremos veículos de propaganda, de difusão de cultura, os seus livros, as

## EM REDOR DA GRAVE QUESTÃO DAS NOVAS PAUTAS DO PAPEL

suas revistas, os seus jornais, que a pauta actual mata sem remédio.

Os males gerais da nova pauta, a avaliar pelas conseqüências immediatas estão brilhantemente expressas num artigo do nosso grande colega Diário de Noticias, que disse assim:

«Haverá, aos olhos dos leigos em questões económicas, assunto de importância maior do que este. Mas, na verdade, difficil será deparar-se assunto tão delicado como este. E porquê? Porque, a revista, o livro e o jornal são os grandes elementos de cultura, são os grandes agentes de expansão e consolidação da nacionalidade. Sem jornais, sem revistas, sem livros, não há povos cultos, não há forma de manter-se qualquer unidade nacional. E o livro, e o jornal, e a revista que erguem, como um grande pendão de cada nacionalidade, a lingua nacional respectiva. Entravar o desenvolvimento da lingua portuguesa é desconjuntar o mais vigoroso cavername da nossa nacionalidade. Entre os vários portugueses pode haver divergências profundas, antagonismos irreductíveis, mas o que há certamente, é o traço comum da lingua. Quando esse traço se perde, o sentimento da nacionalidade enfraquece, esbate-se e desaparece.

«Teoria, dirão alguns que se classificam a si próprios de homens práticos. No entanto, percorram as nossas grandes colónias e, nelas todas, onde é mais forte, mais vivo, mais evidente, o sentimento purissimo da nacionalidade? Incontestavelmente no Brasil, no Brasil em que a lingua nacional é a portuguesa. Nas colónias da America do Norte, por exemplo, onde os nossos colonos estão mergulhados numa atmosfera saxónica, onde o inglês é a lingua nacional, o sentimento da nacionalidade é menos vivaz, menos forte, e, sobretudo, dilui-se com a hereditariadade.

«Tudo que tenda a atrofiar a expansão da lingua portuguesa, como succederá fatalmente se permanecer a actual pauta de importação nos artigos referentes a papel, e caminhar para a desunião da nacionalidade, é desintegrar o continente das possessões ultramarinas e das várias colónias dispersas pelo mundo inteiro.

«A todos os deveres do Estado, sobreleva um: — a avigoramento da nacionalidade.

«Quando o Estado, ou o Governo, que é o seu legitimo representante, o descure, falta ao cumprimento do mais sagrado e elemental dever. Cuidar da lingua Pátria, acima e antes de tudo, constitui o principio basilar de qualquer Governo. Perante este problema, todos os outros, no ponto de vista da nacionalidade, são secundários ou transitórios.

«Portugal é um grande país, não só porque vastos são os seus dominios mas, sobretudo, porque mais vasta é a extensão em que se fala a lingua portuguesa. Todos os outros povos, conhecendo a nossa força através da expansão da nossa lingua, procuram deslocá-la, substituí-la por outros idiomas. Para manter o seu dominio temos de combater rijamente, no continente e nas colónias, impondo aos que falam e lêem portuguez, o jornal portuguez, a revista portuguesa, o livro portuguez. E como se consegue esse objectivo? Facilitando a vida às empresas editoras, favorecendo-as em impostos, aliviando-as de despesas de correio e barateando-lhes a matéria prima, etc.

«Essas empresas editoras são os grandes pioneiros da nacionalidade.

«O Estado, a não ser que falhe em absoluto a sua missão elevada de representante organizado da nacionalidade, tem de considerar a questão de imprensa de alto e todos os assuntos que a esta industria se prendam devem ser vistos através de um critério amplo e rasgado, que se não harmoniza com a rigidez de critérios meramente fiscaes.

«O sr. ministro da Finanças que, além de ministro, é professor, conhece, tão bem como nós, a gravidade do problema pautal do papel.

«Estamos certos de que, nas suas horas de meditação, a questão pautal referente ao papel o tem preocupado largamente e isso basta para estarmos convencidos de que o referido problema pautal vai ser resolvido com intelligência, com largueza de vistas, com finalidade patriótica e com urgência.

«Que se proteja a industria papelreira, para aproveitar os abetos e os encalipptos, que ainda estão para povoar o país inteiro, não deixa de nos ser simpático, mas se, para isso, é indispensavel cometer a monstruosidade de afogar em impostos o jornal, o livro e a revista, confessamos sinceramente trocar todos esses crescimento hipotético de abetos e encalipptos pelo crescimento e fortalecimento da lingua. E, conosco, está, certamente, o sr. dr. Oliveira Salazar.»

Isto, o problema visto nas suas linhas gerais. Quanto a nós, falando por nós, diremos com desassombro que a vida se nos vai tornar impossivel. Estão a esgolar-se os nossos stocks de papel estrangeiro. Há cinco anos que esta revista existe e que tem procurado, de todas as formas, que os papéis nacionais lhe fabriquem papéis soffríveis, que pudéssemos aproveitar para as nossas necessidades de impressão. Até hoje não o conseguiram, já mesmo não se incomodam a fazer tentativas que sabem, de ante-mão, destinadas a um fracasso absoluto. Com o material moderno de que dispomos, nas nossas oficinas, das melhores do país e dignas, em qualquer parte, de referência, vemo-nos privados de imprimir, de trabalhar, porque ao papel estrangeiro não podemos chegar pelos direitos que a pauta nos impõe, iguais aos que paga o papel de luxo para caviar de namora, as cartolinas para obras de papelaria moderna, etc. O nosso agravamento de despesas, anualmente, em virtude do aumento dos direitos de papel seria muito próximo de 100 contos de réis. Ilustração, porque não se poupa a pagar colaboração por preços que ninguém ainda attribua ao sagrado trabalho intellectual, porque, para servir os portugueses de Portugal e Colónias que a lêem, tem desenhadores, reproduz obras de arte com toda a perfeição gráfica, numa obra de divulgação que se lhe affigura respeitavel, porque quer produzir sempre uma obra que nos orgulhe perante o estrangeiro, tem uma folha de despesas enorme na qual avulsum salarios do operariado, do mais bem pago e respeitado de Lisboa.

Por isso não têm quasi lucros. Suportaria, por amor próprio, uma situação de não ganhar... mas, como não está entendida a nenhuma das grandes empresas illuminantes, moltrizes ou sedantes a que estão ligados alguns nomes de magnaes papelreiros, não tem por onde suportar perdas de cinco mil escudos por número. Portanto, a não se modificar esta pauta teremos que morrer. E ficarão sem trabalho uns quarenta operários gráficos, diminuirão os já magros proventos dos que vivem de escrever ou desenhar, dar-se há desemprego nos gravadores e encadernadores, despedem-se os empregados de administração e expedição, não se gastarão selos, não se pagarão contribuições... nem se pagam direitos pequenos ou grandes. E... evidentemente que não compraremos papel aos produtores nacionais! Faremos assim um belo negocio em que, ao contrário do que succedia nas rifas de zintem, todos perdem, ninguém ganha. E com mais duas machadadas como esta, abollida a expressão escrita do pensamento portuguez, estamos à beira da desnacionalização da metrópole, que a das colónias, por este andar, em breve se completa... Affigura-se-nos gravissimo este problema. Esperamos do senhor ministro uma resolução rápida e justa. Não podemos esperar do seu patriotismo uma obstinação que seria a nossa sentença de morte.

JOÃO DE SOUSA FONSECA.





Máscara de Mousinho, por Tagarro

Dotar a depauperada frota mercante portuguesa com mais uma unidade, e uma unidade de 8.400 toneladas, um navio de sumptuoso aspecto moderno e de magníficas

A NOSSA FROTA MERCANTE

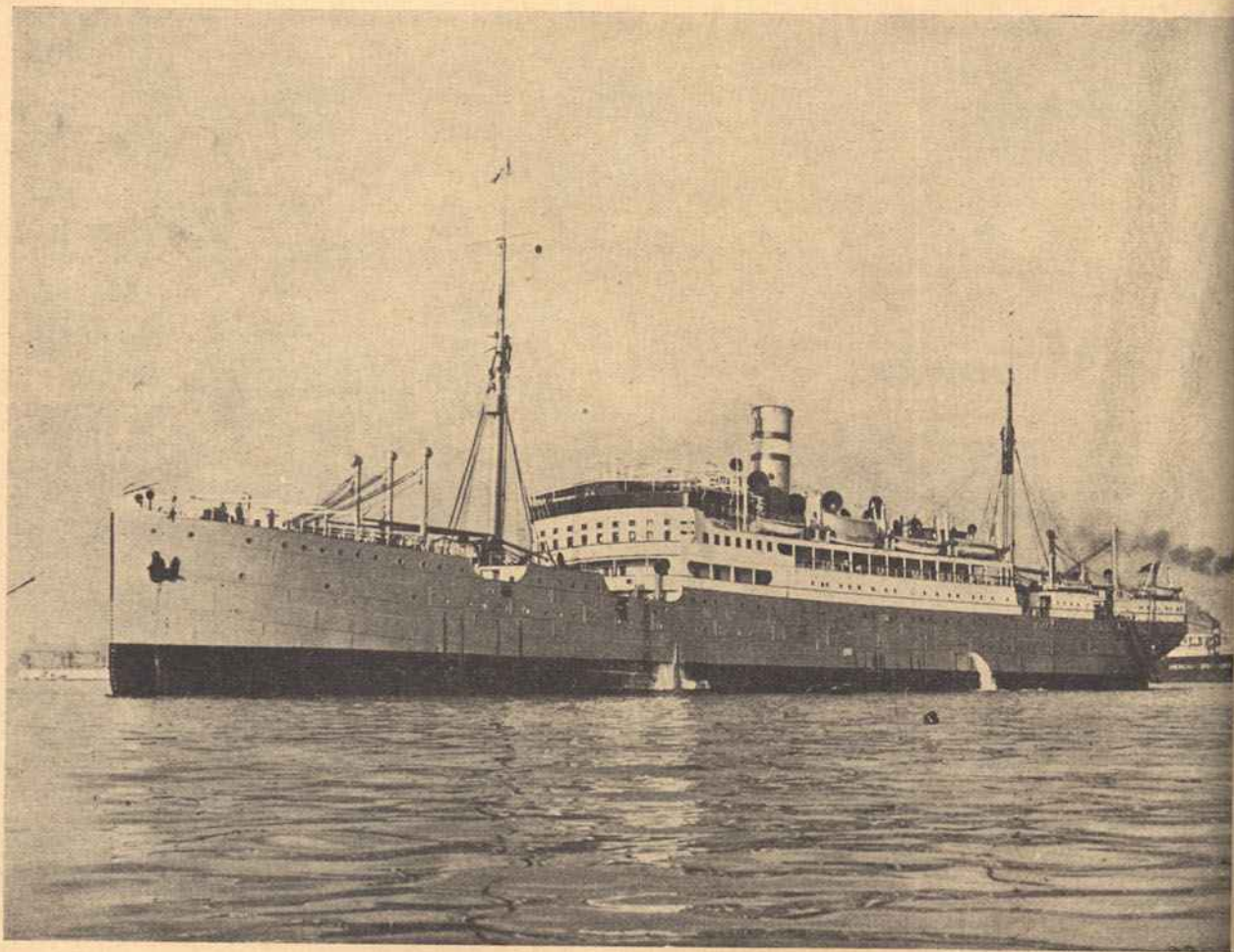
# “MOUZINHO”

É O NOME DO NOVO PAQUETE QUE FARÁ A CARREIRA DE ÁFRICA — UMA HOMENAGEM CARINHOSA — AO GRANDE MILITAR QUE CONSOLIDOU O NOSSO IMPÉRIO AFRICANO

condições de navegabilidade, comprometer, em época de tão amargurados sacrifícios e tão incertos proventos, quantias fabulosas, que o ramerrão do joguinho pacato de Bólsa garantiria mais sólidamente, são serviços que não se esquecem, serviços prestados à economia geral do país, à sua dignidade exterior de nação eminentemente colonial, serviços que dão jus à admiração de todos os portugueses.

Mas pôr de parte o corriqueiro baptisado com nome de rio longínquo ou território

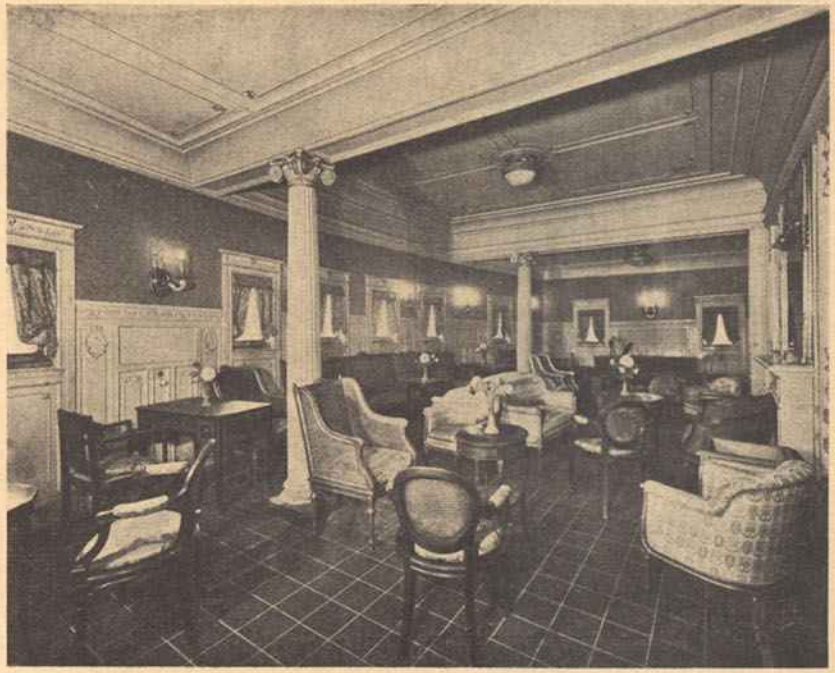
árido do sertão, para crismar um navio com o nome de «Mousinho», lembrando essa esforçada figura do último herói da nossa epopeia de além-mar, lembrar carinhosamente êsse grande caudilho já, por desgraça, em esquecimento desta gente de agora, que ri dos cavaleiros andantes, do brio e dos que morrem por um ideal, lembrar, numa homenagem espontânea e só ditada pela emoção nacionalista, a mais alta figura militar da nossa história contemporânea, lembrar êsse que foi grande e nobre e heróico na vida e na



O novo paquete de 8.400 toneladas, «Mousinho»



morte, esse que pôs nos nossos pergaminhos de posse um sêlo de bravura que nos garantiu a soberania decisiva daqueles territórios, que o mapa diz longe, mas a dignidade nacional exige tenhamos perto, conosco, na nossa alma, relembrar o paladino esforçado das nossas glórias de além-mar, é um gesto que dá à Companhia Colonial de Navegação o direito a ter, em cada português de lei, um amigo que muito lhe deve pelo coração e pelo sentimento. Não sabemos se a empresa comercial a que a Companhia Colonial se abalança é, ou não, de molde a dar-lhe e a dar-nos proventos comerciais e financeiros (e oxalá assim seja, para bem de todos), mas o que acreditamos é que, fazer sulcar os mares do globo, que nós descobrimos, por um belo pacote, levando no flanco, gravado em letras refulgentes, o nome heróico e magnífico desse último abencerragem da bravura romântica dos portugueses de antanho, é serviço prestado à nação, a nós todos, afinal, que nunca será demasiadamente pago com todo o nosso carinho e aplauso.



Salão de scuboras da 1.ª classe do «Mousinho»



Salão de jantar da 1.ª classe do «Mousinho»





Martin Luis Guzman

LA SOMBRA DEL CAUDILLO — Novela de emoção por MARTIN LUIS GUZMAN — Espasa-Calpe-Madrid — 5 pesetas.

As sucessivas convulsões mexicanas, vulcão em permanente erupção, tumor maligno em que os humores refervem cachoando pús e imundície, dór e até, às vezes, heroicidades sublimes, gerou um ciclo literário em que se multiplicam os cronistas, sarcásticos uns, veementes outros. Em «La sombra del caudillo» dá-nos Martin Luis Guzman um episódio verdadeiramente novelesco do refervilhar político do trópico americano. Sem a soberana grandeza repelente de «Tirano Banderass», essa obra genial de Valle Inclán, sem o sarcasmo de Nicasio Pajares, o insultador literário do americano central, esta novela de Martin Luis Guzman tem muita coisa notável. Assim, embora de princípio, a acção, qualidade marcante no todo do livro, se torne por vezes indecisa, lenta, esfumada, nas partes finais do romance precipitam-se os episódios numa bela vertigem de vilezas e heroicidades, e os últimos capítulos, o fusilamento do general Aguirre, o saque dos cadáveres, os parágrafos finais da obra, atingem uma veemência trágica a que não são alheias as qualidades de concisão dramática do estilo deste escritor, que, por outra parte, aponta, aqui e além, em fugidios descritivos, notas de cor duma justeza e dum pitoresco brilhantíssimos, delicadas como aguarelas ou nítidas como gravuras a buril.

LENDAS DE PORTUGAL — A. B. C. (nova fase), por ROCHA MARTINS.

O infatigável publicista Rocha Martins, um talento verdadeiro, uma alta lealdade de camarada servido por uma forma nervosa e nítida, certa, de escrever, terminou a sua bela série «Lendas de Portugal», para empreender, dentro em pouco, a publicação duma «História de Portugal», a que se augura brilhante êxito.

Entretanto foi modificando o seu velho e excelente «A. B. C.», dando-lhe novos alentos, calando-o de mais advéncios e restituindo-o à pureza dos seus inícios, de belo magazine popular. Aparece assim remoçado e magnífico o «A. B. C.» de Rocha Martins, e o seu atractivo maior é, sem sombra de dúvida, a reaparição nas suas páginas das páginas panfletárias «Fanchos», de autoria do seu prestigioso director.

D. LUIS FILIPE — Prosa de Aires de Sá e edição de ANTÓNIO MARIA PEREIRA.

Em bela edição, que honra a velha Parceria Pereira, surge mais um livro do sr. Aires de Sá

# LIVROS E ES

que reincide no aproveitamento das figuras da família rial deposta para construir o seu negócio editorial. Desta vez parece-nos pior o feito por ser visada a figura gentil do príncipe herdeiro que encontrou a morte terrível, no verdor dos anos, envolto no manto de fatalidades que assinalaram os últimos tempos da monarquia. O livro, em si, só tem um mérito: o de ter uma venda certa e disso aujuzarão o editor e autor. O que tal venda significa como êxito literário ou mental não sei. Sei apenas que... Lá vai uma anedota em forma de apólogo. É arrancada à vida e o pitoresco caso deu-se na minha presença. Uma senhora entra em certa livraria e pergunta:

— Tem o livro da Rainha D. Amélia?  
 — Qual dêles? pergunta o vendedor.  
 — Não sei... Há mais que um?...  
 — Há o do sr. Aires de Sá sobre a rainha D. Amélia, e um outro volume da autoria da própria rainha...

Queda-se hesitante a senhora, e por fim decide-se:

— E... que preço tem um e outro?  
 O vendedor esclareceu. O do sr. Aires de Sá custava umas dezenas de escudos, o belo album de D. Amélia de Orleans cêrca de um conto de réis. Então definiu-se a consciência crítica da compradora num desabafo:

— Então... dê cá mesmo êsse dos sessenta escudos!...

R vendem-se assim tantos livros, meu Deus!...



Rocha Martins

Oh encadernação de percalina para cima da mesa!...

SCENAS DA VIDA — Contos por BRITO CAMACHO — Guimarães & C.ª — LISBOA.

O autor d'êste livro é, sem contestação, um dos mais brilhantes espíritos da nossa terra. Marcado o seu lugar, inconfundivelmente, na vida pública portuguesa, onde é uma das grandes figuras pela sua inteligência, pela sua cultura e pela sua solvência moral, Brito Camacho afirmou-se um dos mais fortes jornalistas da nossa terra, um prosador com admiráveis qualidades de combate e crítica. A literatura portuguesa deve-lhe de há uns tempos a esta parte, uma galeria de contos, publicados em diversos volumes, sob vários títulos, em que há acertos definitivos.

A sua pena sempre moça, sagaz, e duma mordacidade deliciosa, vai evocando, com a simplicidade que só os mestres encontram um dia, uma extensa teoria de tipos vivos, palpantes, duma flagrante humanidade, ora dolorosa, ora risonha.

O Alentejo passa nos seus contos com uma impressionante verdade, e as figuras da rua, da cidade ou da estepa, equivalem-se na justeza do desenho.

Brito Camacho não pinta fantoches, cria gente viva, miserável ou digerindo pascéiamente a

vida farta, vibrante de engenho ou soez de estultícia.

Em Portugal só Fialho trabalhou assim o conto, e Bça raras vezes conseguiu maior mesura. Este livro novo lê-se de um fôlego, com entusiasmo e admiração... e faz lembrar Mauissant ou alguns feixes de histórias curts de Targenneff.

BRASIL — Síntesis de sus recursos económicos — por N. CAMBOIM, adido comercial. — Madrid, 1929.

Para a Exposição de Sevilla cada país, dentro de seus recursos, elaborou suas monografias, seu «Livro de Oiro», seus folhetos de propaganda. Raras as iniciativas particulares ou officiosas que ajudassem os governos a tais empreendimentos de tão justa importância. No caso do Brasil foi um seu agregado comercial, o sr. N. Cambioim, muito querido em Espanha e Portugal, pelos seus muitos méritos, que tomou a iniciativa de organizar uma obra altamente meritória em que, com notável poder de síntese e alarde de preciosos conhecimentos, faz desfilar ante o leitor atraído pelo belo aspecto gráfico do volume, tudo quanto do Brasil deve ser conhecido por êsse mundo, e que muito é. Resumo da sua história política e económica, dados geográficos e estatísticos, resenha das suas produções agrícolas, florestais e industriais, o panorama moderno das suas cidades, o seu esforço financeiro, o panorama, enfim, da sua vida interna, magnífica, exuberante, tudo o sr. N. Cambioim nos mostra neste belo volume pela força convincente das estampas magníficas, dos mapas, dos quadros e das tabelas, comentadas com elegância e patriotismo. Não se nos dava nada que em Portugal tivesse surgido um dos muito vagos funcionários diplomáticos que enchem os quadros, com iniciativa e merecimento para empreender e realizar obra análoga sobre as nossas coisas...

NOVIA... PARTIDO POR DOS — Novela humorística por DON ANTONIOROBLES. — Madrid.

D. António Robles, às vezes D. Antoniorobles, dá-me a impressão de que não é um humorista no sentido vulgar da palavra.

Parece-me, melhor, uma pessoa com saúde física e moral suficiente para se rir impuamente do vulgar da humanidade. Não há na sua



M. Cambioim



MUSEU DO  
PRADO  
MADRID



TICIANO  
SALOMÉ



# CRITORES

obra o *humour*, essa virtude doentia de sorrir. O que há é bom humor, coisa totalmente diferente, que faz rir, com gosto, às gargalhadas. Nas novelas e contos de Robles, um gigante moreno, castizo e amável, não há preocupações de ordem intelectual que afligem, por via de regra, os pedantes da literatura. Nada de rebuscar. Aquilo sai assim mesmo, jovial, bem disposto, em mangas de camisa, sem colarinho nem gravata (o autor declara o seu ódio mortal ao colarinho), desalinhado mas saudável, rijo de lei, tesó e férro, sem rodeios nem subtilidades. O leitor ri com gosto, saboreia uma originalidade espontânea e passa adiante contando com mais um amigo: Donantoniorrables... E a propósito de espontaneidade, a criação de «*Novia partido por dois*», parece-me, precede de algum tempo o *achado genial* dum tal Gomez de La Serna que pôs em Madrid uma peça abstrusa chamada «*Los medios seres*»... E se as informações não falham há certa misteriosa coincidência...

**SEM PÉS NEM CABEÇA** — Prosas humorísticas de ANDRÉ BRUN (8.ª edição). — LISBOA.

Um outro humorista, este português, e do mais fino quilate, desaparecido quando tão belas coisas havia a esperar do seu fertilíssimo engenho. E é tão justo o desgosto pela perda deste valor que aí está esta oitava edição dum dos seus livros a atestá-lo. «*Sem pés nem cabeça*», apesar da péssima reedição, com gralhas inadmissíveis e um desleixo total, continua a ser, a tantos anos de vista, um magnífico livro de contos humorísticos, do melhor que se encontra neste género por cá ou por lá fora...

**MARIA COTOVIA** — Conto infantil por ROSA SILVESTRE. — PORTO.

A autora é uma excepção no meio literário feminino português. Sabe escrever, tem uma sensibilidade delicadíssima e nunca esquece, nas suas obras, a sua condição de senhora e de educadora. Cumpre assim, amplamente, nobremente, a mais bela prerrogativa da mulher inteligente; escrever para as crianças, despertando nelas, o mais cédo possível, a ânsia da beleza. Trabalhadora incansável, dispersando a sua actividade literária por todas as revistas, em livros e jornais, D. Maria Lamas conseguiu direitos de notoriedade para o seu lindo e suave pseudónimo. Em «*Maria Cotovia*» tem a autora um dos seus trabalhos mais gentis e amoráveis que

a Livraria Civilização editou com primor e que decerto se exgotará porque merece entrar em todas as casas portuguesas onde houver uma criança a encantar e educar.

**TOMÉ DO Ó** — Conto em verso para crianças por MANUEL MANTUA. — Edições Mantua, Limitada. — LISBOA.

Outro livro de criança de rial mérito e de sobeja utilidade. O autor, felicíssimo na composição poética do seu lindo volume, revela, a par de qualidades literárias brilhantes, uma decidida compreensão da missão educativa desta espécie de publicações. Ainda que atraído, a nosso ver, pelo gosto gráfico do seu livro, o autor revelou-se uma promessa consoladora no tão definido meio dos cultores da literatura infantil.

Os desenhos que ornão o livro, alguns com certa felicidade, são de Manuel Oliveira.

**A MAIOR GLÓRIA** — Novela por NUNO DE MONTEMÓR — Coleção Veritas — Guarda.

Um impresso intercalado neste livro dá conta da opinião de alguns consagrados escritores



Nuno de Montemor

sobre a anterior obra de Nuno de Montemor, «*Amor de Deus e da Terra*», que classificam de obra prima e, sobretudo, da melhor obra do autor de «*A maior glória*». Peço vénia para humildemente discordar de tais opiniões quiza muito autorizadas. Ao editor, que enviou o prospecto coercivo, o aviso de que me não conformo de bom grado com opiniões diferentes das minhas só porque as subscrevem indivíduos com favor da pasmeira pública. Ao livro anterior de Nuno de Montemor, ao celebrado e traduzido «*Amor de Deus e da Terra*», ainda o hei-de ver, passada a moda daquele género literário, reduzido ao seu verdadeiro valor. E então, seguramente, passada a moda, ficará muitas braças abaixo desta formosa novela «*A maior glória*» onde, ao meu entender, Nuno de Montemor dá medida certa, justa, do seu valor como construtor de acção, como moralizador e como artista da prosa que aqui, sem ênfase nem artificios, vai em perfeição muito acima do que tinhamos lido da sua pena. «*A maior glória*» é, em qualquer parte e em qualquer época, uma novela digna do mais alto apreço e das bibliotecas mais escrupulosas na escolha.

Oxalá ela e outras, moralizadoras mas não catequizadoras, substituam nas estantes a péssima poesia líbrico-romântica que para aí pulula, e a avalanche de Vautel mais ou menos recosido que vem de França. «*A maior glória*» tem a solidez necessária para resistir às modas de momento, quasi de corte político, que assolam o gosto literário e por isso perdurará quando outras obras em que o autor pôs um proselitismo agudo, ainda que, decerto, bem



Rosa Silvestre

intencionado, tiverem conhecido, dolorosamente, o pó do esquecimento. Edição de man gosto gráfico como, infelizmente, todas as obras deste autor. Que desenho de capa impossível!!...

**BRANCO E PRETO** — Contos dramáticos e humorísticos, por ARMANDO FERREIRA — Portugal, Ltd. — LISBOA.

Em edição sumamente graciosa de aspecto lança Armando Ferreira, talento que muito se desperdiçou na imprensa em épocas de intensa luta, uma recolha de pequenos contos, todos nítidos, vibrantes, desenhados com largueza e precisão, e tocando, com mestria, agora a ironia logo a tragédia, além a gargalhada franca. Vêr-se hia pela factura destas pequenas impressões, se o autor o não declarasse lealmente em epílogo, que elas foram escritas há muito, numa fase literária do autor, em que ele não se encontrava, como hoje, na posse plena de todos os seus recursos. Mas nem por isso deixam os contos que compõem «*Branco e preto*» de oferecer um interesse real, até mesmo comparativo, de alta importância para o estudo da evolução literária do autor, assim como as ilustrações nos mostram, com imprevisto e originalidade, os nossos mais famosos desenhistas... como eles eram há dez anos!... Como o tempo passa depressa, com o demónio!... Não há lugar comum tão estafado mas em tão bom uso!...

**ÁFRICA MISTERIOSA** — Impressões de viagem, por JULIÃO QUINTINHA. — Editora Portugal Ultramar — LISBOA.

As viagens de jornalistas moços, desempoeirados, de retina ágil e aberta, por essas terras do nosso império colonial, oferecem um incontestável interesse. São os moços escritores os únicos que possuem uma sensibilidade ainda virgem de preconceitos e não envenenada pelos erros crassos da tradição que lhes permitia encerrar o sacrosanto e gigante mistério africano com olhos de ver e alma de contar. Só eles podem trazer-nos a verdade do Continente Negro, essa verdade gigantesca, formosa, magnífica sobre que se há-de construir tudo que nos venha de futuro. Bemvindos, pois, sempre, os livros de impressões de viagem da mocidade que escreve com toda a impetuosidade do seu sangue ardente e generoso o que viu em terras de África. Bem vindo por isso este belo volume que é «*África Misteriosa*», e que se deve a uma das mais requintadas sensibilidades literárias da geração actual, a Julião Quintinha, jornalista brilhante e contista admirável de nervosismo lírico em «*Vinhos do Mar*». O seu livro «*África Misteriosa*» é, a muitos títulos, notável, e além de obra de bom patriotismo é obra de mérito literário subido e estimável.

J. S. F.



Donantoniorrables





A princesinha com seu pai, o grande Rei-soldado dos belgas

Começo a crêr que as fadas não são meras personagens imaginárias, simples criações de espíritos fantasistas desejosos de fazer mergulhar no lago maravilhoso do ideal a alma sensível das crianças... Os cronistas supersticiosos da idade-média, que foram os primeiros a irisar as estalactites dos palácios subterrâneos das fadas — maravilhosos palácios de nacar mantidos por translúcidas colunas de esmeralda, entrevistos por êles em sonhos febricitantes — descrevem-nas como seres atraentes, de falas doces como o canto de sereias, dotadas de um poder sobrenatural.

Tôdas elas, as boas e as más, as distribuidoras de venturas e as semeadoras de infortúnios, usavam sempre, como insignia delicada da sua influência, uma varinha mágica. A ondulação no ar dessa varinha, produzia sucessos estupendos, instantâneos e incríveis. A grandeza aparentemente invulnerável de muitos príncipes cruéis — dêsses que, por ciúmes excessivos, faziam estiolar em masmorras lúgubres a formosura das castelãs românticas — desmoronou-se muitas vezes, no decorrer dos séculos, como uma pirâmide de folhas secas fustigada por um vento de ciclone. Os historiadores modernos, depois de terem catado os hieroglifos insculpidos nos códices poeirentos, em busca de justificação iniludível para êsses fenómenos, foram constringidos a entrar no terreno labiríntico das hipóteses psicológicas, para não darem mostras de acreditar na existência do sobrehumano.

Ora tudo leva a crêr que foram as fadas, tocadas pelos queixumes e pelas lágrimas das belas castelãs martirizadas, que fizeram justiça de golpe, perante o estarrecimento, dêsses guerreiros ciumentes e malvados. Por encantamento, muitos pagens loiros e sem malícia, foram transfigurados em nobres e poderosos senhores feudais. E não faltaram príncipes furibundos, dos que aterrorizavam a vilanagem imbele e rastejante, transformados, para castigo das suas infinitas maldades, em horrendos corcundas, em risíveis histriões das côrtes. Foram as fadas que criaram para

# UM CONTO ONDE HA PRINCIPES...

esposos das princesas sonhadoras e virtuosas, distribuidoras de esmolos e sorrisos, os *príncipes perfeitos*, êsses cavaleiros varonis e generosos que, por uma flor desprendida dos cabelos da sua dama, jogavam a vida em justas encarniçadas, os cavaleiros belos, amourosos, intrépidos, que escalavam as ameias dos castelos medievais para recolherem as suas dulcineias e as transportavam depois, sôbre as garupas dos corcêis espumantes, para os seus domínios remotos.

Devo às fadas, aos seus airosos gestos de silfide, à rapidez das suas transmutações de fisionomias e de paisagens, de caracteres e de ambientes, à exteriorização da sua simpatia pelos bons e do seu desagrado pelos maus, as horas mais aveludadas da minha infância. Era ouvindo a narrativa colorida das suas façanhas, ocorridas tôdas em sítios fantásticos — florestas em filigrana, com frutos de ouro pendentes de árvores diáfanas; grutas, imensas como catedrais, com os tetos revestidos de pedras preciosas resplandecentes; palácios de mármore branco recortado em desenhos caprichosos como as rendas fluidicas de Malines... — que eu adormecia estasiado, dando tréguas às minhas travessuras. E mais tarde, quando a ruindade dos meus contedores na luta pela vida me fêz penetrar no âmago do scepticismo, não deixei de recorrer pressuroso aos livros adoráveis de Perrault, sempre que a minha alma, acabrunhada pelo sórdido positivismo da época, implorou o refrigério das supremas ingenuidades...



Os príncipes consortes no dia dos seus esposais

O casamento da princesa Maria José, da Bélgica, com o príncipe herdeiro de Itália, é um singular e maravilhoso conto de fadas. Simplesmente, ao passo que os outros, aquelles que encantaram a minha meninice e mais tarde adoçaram as minhas desilusões, eram um produto da fecunda e matizada imaginação popular ou a criação delicada de um espírito subtil de artista, êste conto de fadas sai da bruma dos sonhos, do irreal, para se desenrolar, com a rapidez e a claridade de um filme moderno, diante dos olhos espantados do público. Todos os nobres figurantes desta linda história de amor são mortais visíveis como qualquer dos meus leitores e os cenários magnificentes que os têm ladeado nos seus movimentos estão longe de possuir a vaporizidade das visões fantasmagóricas.

Os príncipes usufruem, como é notório, raras imunidades. O nascimento eleva-os súbitamente aos degraus mais altos da escala social. É esta concessão automática de honras e vantagens à hereditariedade de estirpe que amua os plebeus estremes como eu. Mas o meu democratismo não me cega até o ponto de me fazer negar as virtudes e as qualidades intelectuais que distinguem cer-



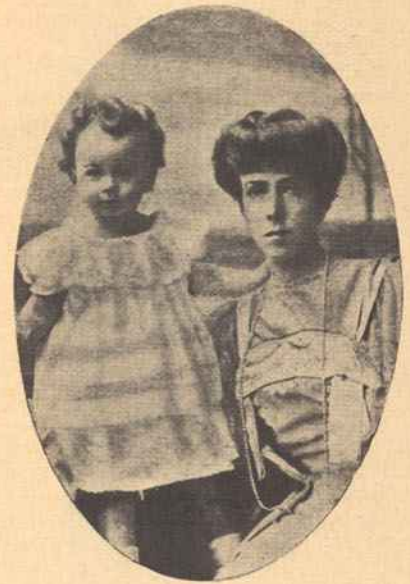
# DE FADAS...

## PRINCEZAS, E O AMOR...

tos membros das famílias reinantes. As idéas mais puras, mais luminosas, não podem anular os factos incontestáveis, não devem servir para obscurecer a verdade. Os príncipes vivem, desde a idade mais tenra, rodeados das homenagens, muitas vezes interesseiras, dos seus aulicos e da simpatia, pouco viril, das turbas que permanecem apegadas à tradição. Nenhum ser humano, por mais vementes que sejam os seus desejos igualitários, é insensível à magia da notoriedade. Os príncipes auferem-na facilmente, sem as cêntricas que atribulam os outros mortais. Mas não propaguemos a mentira de que a sua existência é um desfile contínuo de delícias, uma correnteza de acções egoístas, um caminho desembaraçado de espinhos e percorrido sem inquietações...

Tiranizados pelo protocolo, escravos do interesse nacional, manietados pelo prestígio dinástico que não admite a mais ligeira beliscadura, eles são menos livres do que o mais miserando dos seus súbditos. Todas as suas atitudes, todas as suas palavras, todos os seus desejos, têm de ser estudados, medidos, previstos nas conseqüências. A espontaneidade está-lhes vedada tão rigorosamente como o entusiasmo. Eles simbolizam, de facto, a honra imperecível da nação. Eles devem glorificar e fortalecer os fundamentos, constantemente ameaçados, da sua casta. Eles têm de ser bravos perante o perigo; contemporizadores quando a população, sedenta de regalias, ulula nos esconços das cidades; resignados e patriotas quando os trocos, corroidos pela acção infalível das idéas niveladoras, se desmoronam. Para que a árvore genealógica não se extinga é-lhes imposto o casamento, principalmente àqueles a quem a primogenitura concede a herança presuntiva da corôa. Mas até para a realização desse acto sacramental — o mais grave, o mais ponderável da vida humana — a sua opinião, os seus sentimentos, são elementos secundários. É o interesse do Estado que preside à escolha da noiva. Um príncipe não ama quem quer. A sua própria felicidade íntima está sujeita ao veto intransigente dos homens, freqüentemente banais, que se sentam nas cadeiras do poder.

veis não foram alteradas a seu talante. Mas o acaso, a coincidência, a varinha de condão de uma fada invisível, serviram a causa simpática dos dois namorados românticos. O seu amor, nascido espontaneamente, sem as sugestões materialistas das chancelarias, ajustou-se às conveniências diplomáticas dos seus países. A princesinha, voluntariosa e travessa, que soube manter, durante anos, toda a poesia de um casto idílio infantil com o donairoso príncipe dos seus sonhos, pode



A princesa Maria José com sua mãe a heródica rainha dos belgas.

finalmente, como qualquer mulher feliz, deixar-se embalar por ele no remanso do seu lar. As suas duas naturais ambições — ser amada e ser rainha — encontram-se já quase integralmente satisfeitas. A menos que o destino, até agora propício a todas as suas vontades, não se compraza de súbito a sombrear-lhe a vida com algumas desilusões, ela sentar-se há, para honra do seu país de origem, no trono faustoso do Quirinal.

Sobejam-lhe os predicados para exercer com elegância, com fascinação, os seus deveres reais. Educada na corte mais desprezenciosa da Europa e em contacto, durante anos, com o burguez e familiar povo belga, ela destacou-se sempre, mesmo entre os mais puros e altivos aristocratas, pelo seu porte majestático natural, pela firmeza com que mantém as prerogativas atribuídas à sua estirpe, pelas suas notáveis predilecções artísticas e literárias, pelos seus impulsos caridosos irreprimíveis que a conduzem aos hospitais e aos lares dos pobres e a fazem distribuir ali, a flux, esmolos e consolos. O segredo do seu prestígio principesco, da sua atracção pessoal, que fizeram dela, incontestavelmente, a figura mais imponente da interessante corte belga, reside na fusão, realizada na sua personalidade bem definida, de todos esses dotes heterogêneos. Ser passivo, amar os humildes, proteger o povo, são na verdade indeclináveis deveres impostos pela consciência aos grandes da terra. Mas se eles se julgam com direito a constituir uma casta invulnerável, não podem eximir-se a conservar o esplendor e a dignidade tradicionais. Um príncipe acessível, democrata, popular, não deve ocupar jamais o aparatoso sólio real, que existe precisamente para o elevar acima dos seus súbditos. Se a sua inteligência, se os seus instintos, o levam a perfiar as generosas idéas igualitárias, cumpre-lhe apagar, de moto próprio, a sua hierarquia, cumpre-lhe renunciar a todos os privilégios...

A princesa Maria José era uma criança inquieta e caprichosa quando os canhões ale-



Os príncipes consortes no dia do seu casamento

No casamento da princesa Maria José com o príncipe Humberto, estas regras inflexi-



mães, grandes e chamejantes como os monstros apocalípticos, começaram a alvejar as cúpulas blindadas das fortalezas de Liege, nos primeiros impulsos bárbaros da guerra europeia. Na sua memória fiel, na sua retina de artista, estão gravados os mil episódios, vertiginosos e trágicos, da invasão traçoica do seu país. Ela viu a tristeza, a revolta, a bravura indômita — três estados de alma sucessivos e compreensíveis — com que seu pai acolheu as notícias alarmantes trazidas então ao palácio pelos correios expeditos do estado-maior. Ela pôde admirar, ajudada pela sua inteligência precoce, a decisão inquebrantável, o cavalheirismo immaculado, o *elan* patriótico comunicativo, do rei Alberto. Ela conheceu a coragem, a devoção, a ternura, com que sua mãe, a nostálgica rainha Elisabeth, tratou os feridos e confortou os moribundos nas ambulâncias, tantas vezes bombardeadas, do *front*. Ela foi informada das atrocidades, das vilanias, que a alcaetia de vândalos inimigos praticou, contra mulheres e crianças indefesas, ao in-



A princesinha com o seu cão favorito

vadir, como as águas de um dique aluido, o território belga. Ela aprendeu, muito nova, a medir a grandeza do sofrimento humano, a alma singular dos heróis, a injustiça do emprêgo da força contra os fracos, o entusiasmo com que a ralé defende a honra de uma nação... Ela há de lutar, com a fé de todos os apóstolos, para que o país imperialista onde o seu amor a levou para sempre, evite a todo o transe uma nova e horrorosa carnificina.

Bastava a esperança radiosa de que a futura rainha há de exercer, no ambiente plácido da casa de Savóia — engrandecida pelos guerrilheiros de Garibaldi, o legendário caudilho da liberdade — essa nobre missão moderadora, para que aqueles que desejam ver, como eu, a humanidade preservada de tôdas as calamidades, se congratulassem com o seu casamento. Mas a princesa Maria José, que foi na Bélgica mercantil a animadora calorosa de tantas manifestações intelectuais, dá-nos ainda a certeza de que os artistas e os escritores da pátria de Fra Angélico e de Petrarca, vão encontrar nela o sustentáculo inabalável de todos os seus empreendimentos. Aquele bizarro cavaleiro que incitou Augusto, o mais glorioso dos imperadores romanos, a consagrar o génio latino, a protetor Horácio, Virgílio e Tito Lívio, vai ter na loira e sensível princesa belga um continuador inexcedível. No cenário magnífico, monumental, que forma ainda hoje a vetusta cidade dos Césares, na cidade onde repousam, veneradas, as criações supremas dos super-homens que foram Rafael, Miguel Anjelo e Leonardo da Vinci, vai operar-se certamente — sob o impulso da excelsa perso-

nagem — a revivescência esplendorosa da arte italiana, arte tão extraordinária e fecunda que pôde não só acumular-se nos museus de Sienna, Roma e Florença, mas ainda enriquecer os museus e as coleções particulares do mundo inteiro. E esta perspectiva de uma recrudescência de actividade artística, facilitada por uma princesa nascida no país do sábio Van Dyck e do imaginativo Rubens, não pode também deixar de agradar aos mortais ingénios que, nesta época de horrendo materialismo, são tocados pelo encanto de todos os sonhos de beleza...

Que dizer do outro noivo, do jôven príncipe herdeiro de Itália? Vi-o em Bruxelas, pela primeira vez, curvado ligeiramente sobre o túmulo raso do soldado desconhecido, no dia seguinte àquele em que as chancelarias fizeram ao orbe o anúncio oficial e cantante do seu noivado. É, fisicamente, um mocetão agradável, garboso no seu traje militar, que tem sempre a bailar na fisionomia um sorriso insinuante e franco. Pude observá-lo depois, ao balcão do grandioso *Hôtel de Ville*, ao lado da princesa Maria



A princesinha no baloiço, no parque real

José, quando o povo, que inundara a histórica e harmoniosa praça fronteiria, enrouquecia em aclamações delirantes oferecidas aos seus ídolos de momento. Pareceu-me espontâneo, jovial, sem nenhum vinco de arrogância. Todos os seus olhares, todos os seus sorrisos, eram endereçados à sua bem-amada, à mulher gracil e cativante que lhe inspirara a única paixão da sua vida. O amor intenso é causa de grandes milagres. Quem sabe se, em virtude dêste casamento, auspicioso e voluntário, o povo italiano não poderá entoar em breve, com o pensamento fixado no patriotismo redentor de Brutus, um hino fermente à liberdade...

VÍTOR FALCÃO.

A  
princesinha  
Maria José  
com  
seus dois  
irmãos





# UM CEMITÉRIO para cães



Só as manifestações absolutamente desinteressadas da piedade humana devem merecer o respeito das almas fortes. Tõdas as vezes que a vaidade, a adulação ou o interesse se misturem, dirijam ou inspirem os gestos dos homens, o perfume místico da virtude abandona-os, deixando-os a nú e tornando-os ridículos ou impuros.

Muitas vezes o culto prestado aos mortos é um simples requerimento aos vivos ou a mera demonstração dum alarde ostentoso.

Quando os homens prestam um culto de piedade aos restos dos animais que sua perança foram, eu creio nos homens.

Esse culto é a mais pura afirmação dum affecto nobre que sobrevive e só nele próprio encontra razão de existir e mostrar-se. Vem directamente da alma e participa da essência pura da fonte que o brotou.

Entre nós vem progredindo o respeito pelos animais. Já este ano elles tiveram o seu dia e se foi parca e de pouco alcance útil a efficácia dessa comemoração muito representou pelo significado espiritual que atingiu.

Como fruto optimo dessa comemoração

surgiu a idéa da fundação dum cemitério para irracionais. A idéa é nova entre nós conquanto lá fora já conte alguns decénios a sua realização.

Numa velha revista franceza do ano de 1889 fomos encontrar a noticia do primeiro cemitério para cães, em Asnières, numa pequenina ilha do Sena, servida pela ponte de Clichy.

Foi este cemitério obra duma companhia constituída em sociedade anónima e com o capital de 300.000 francos. Data a sua fundação de 1888.

É lindo o pequenino chão de repouso, rodeado pelo rio e ensombrado de árvores, tem um ar de sitio propicio ao sono quieto. Está cuidadosamente tratado. Por tãda a parte flores e monumentos artísticos ornados de bronzes e de esculturas.

Logo à entrada avulta o monumento erguido à memória de «Barry» o heróico Terra Nova que salvou a vida a quarenta pessoas e que morreu salvando a quadragésima primeira.

Para além desse vestibulo de honra as

ruas alinham-se bordadas de túmulos da mais variada architectura. Há-os que representam simples casotas, outros figuram grupos de rochedos, há-os ainda que fingem almofadas. A uns marcam-nos brasões heráldicos, a outros distinguem-nos simples epítáfios ou emblemas. Esta é a parte reservada aos animais cujos donos compraram a concessão do terreno. O preço destas concessões era de 15 francos para um período de três anos, vinte para cinco anos e cem francos para trinta anos.

Para os cães pobres há, como para os ho-



mens, uma vala comum (5 francos por cabeça).

Como se vê os homens applicaram aos cães, no campo da morte, o mesmo principio de desigualdade que na vida separa os ricos dos pobres e os felizes dos infelizes. É o carimbo da Raça. Portanto, como nos nossos cemitérios, a vala comum é anónima. Nos monumentos há inscrições.

Não será descabida, nesta noticia, a transcrição de algumas.

Sobre uma almofada de pedra rodeada de violetas lê-se :

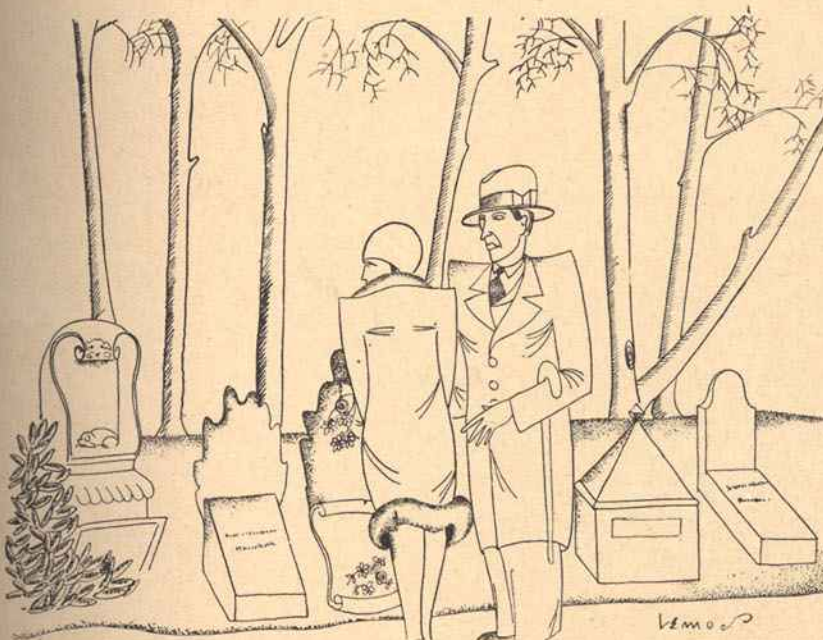
*Il fut fidele, patient,  
Soumis et intelligent.*

Já Sócrates dizia o mesmo e só jurava pelos cães por elles serem, em seu entender, os símbolos únicos da franqueza e da fidelidade. E Sócrates foi um dos sete sábios da Grécia...

Sobre uma pequenina columna a dona dum lulu confessa-se inconsolável :

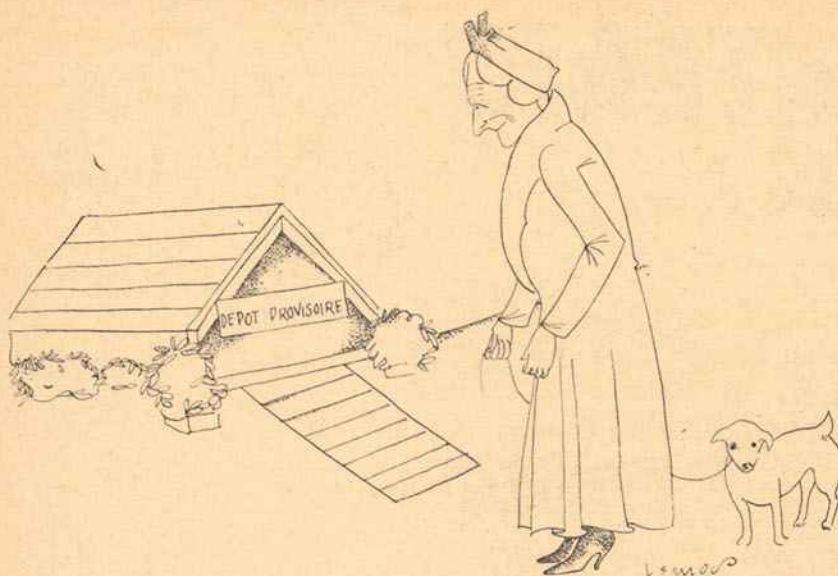
*Rip. 1889*

*A son fidele ami, sa maîtresse inconsolable*





*Qui aime bien  
Griffe bien*



Mais adiante :

*A Frisette  
1889*

*Qui aime les bêtes et les gens.*

Em outros, versos de Lamartine e de Baudelaire. Ao fundo da rua principal sobre uma lápide de riquíssimo mármore negro letras de bronze atestam :

*Homenagem a Loulou,  
preito de reconhecimento  
duma mãe a quem Loulou  
salvou um filhinho prestes  
a afogar-se no Garonne.*

Num jazigo de capela (digamos assim) esta simples inscrição exterior :

*Família Fox-Terrier*

Em outros, como neste :

*Ci-git les restes de Médor  
Il ne chasse plus mais dort*

O dono como bom francês não se esqueceu de cultivar o «calembourg».

Mas a melhor de todas, a que revela um filósofo no seu autor é esta :

*En ce lieu plus de muselière,  
De laisse, de chaîne non plus;  
La terre est inhospitalière  
On est mieux dessous que dessus.*

e por baixo da quadra um emblema expressivo gravado na pedra : a mão humana apertando a mão canina.

Para além da vala comum fica o cemitério dos gatos.

*Ci-git Mistigris  
La terreur des souris*

E um gato de pedra dorme sobre uma almofada um sono silencioso, sem rom-rom.

A rua é comprida os moimentos alinham-se, sempre rodeados de flores, sempre esmaltados de ternuras.

Na última campa de gato leio esta sentença subtil que deveria ter sido ditada por uma mulher :

Depois são os túmulos dos pássaros. Parecem brinquedos. Quasi não há inscrições. Foram substituídas pelas gaiolas. A jaula acompanhou os prisioneiros até para além da vida.

O dono dum colibri, tardiamente reconhece as durezas do cativo das aves e confessa :

*C'est moins dur qu'une cage*

A- pesar do túmulo ser de pedra...

Acabado o recinto dos pássaros só falta visitar uma dependência : O depósito.

Como os nossos cemitérios êle lá está esperando os mortos que não foram previdentes mandando construir a casa em vida. Em prateleira pequeninos caixões esperam a trasladação.

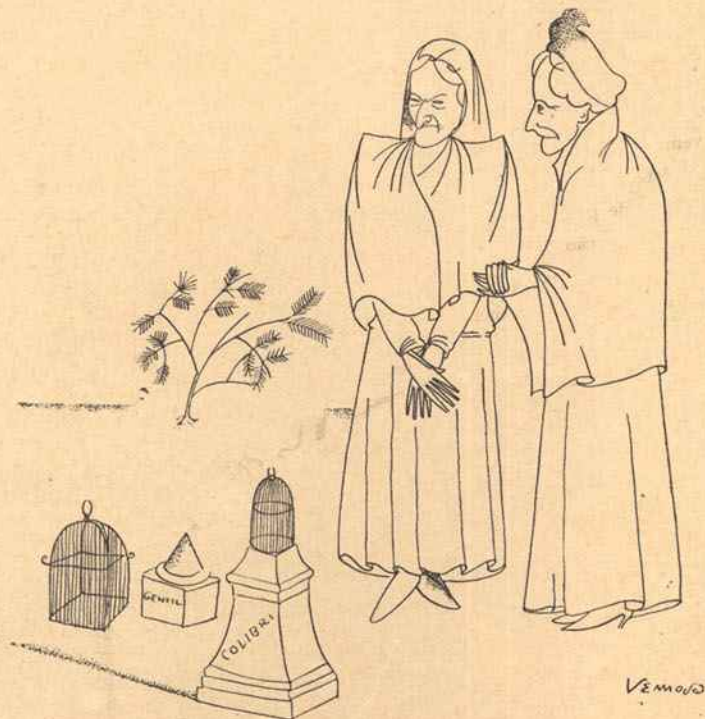
E aqui tem o leitor o que nós vimos nessa velha revista francesa de 1889.

Para o ano que vem esperamos tornar a escrever um artigo onde transcreveremos os epitáfios do cemitério lisboeta para irracionais.

Isto sem, por um momento que seja, desejarmos a morte ao mais insignificante exemplar dos gatos, dos cães ou dos pássaros da minha terra.

Lembrar dedicações faz bem ao espirito e Lisboa bem precisa dessas lembranças.

C. DE M.





## DO MODERNO TEATRO ESPANHOL

A ESTREIA DE UM NOVO QUE ALCANÇA  
EM MADRID MAIS DE 100 REPRESENTAÇÕESDO SEU PRIMEIRO  
ORIGINAL

Uma scena do 3.º acto de «Tarari!»

Falar da crise do teatro espanhol dos nossos dias é falar dum tópico estafado e... incómodo. O certo é que o teatro encontra-se aqui entre as burdas mãos de meia dúzia de indivíduos pouco escrupulosos, com os olhos postos na bilheteira. Nem a menor sombra de decoro artístico — nem do outro — nem um só matiz de inquietude. O público dorme a sua eterna sesta, e sente arrulhada a modorra pelo zumbido insuportável dum teatro trivial e decadente. Mas, enquanto não se apliquem remédios eficazes para evitar tão lamentável estado de coisas, não será pueril repetir dia a dia o rosário das lamentações estereis? É qualquer coisa assim como o «morir habemos» dos cartuxos; mas menos transcendente e mais destituída de sentido. Não formemos nós, portanto, no côro das carpideiras; procuremos dizer algo sobre o primeiro trabalho scénico dum jovem escritor.

Na atmosfera irrespirável dos nossos palcos entrou subitamente uma rajada de ar puro. Queremos referir-nos à estreia de *Tarari!*..., farsa cômica de Valentin Andrés, estrejada recentemente no Teatro Lara pela Companhia Robles-Delgrás. *Tarari!*... triun-

fou brilhantemente e tem-se conservado no cartaz com franco sucesso desde o dia da sua estreia. No Teatro Alkazar, onde ainda se representa, atingiu nos primeiros dias do corrente mês o seu centenário de representações. Um público idêntico ao que enche os demais teatros aplaudiu com entusiasmo

FRANCISCO PINA, UM DOS MELHORES VALORES DA NOVÍSSIMA GERAÇÃO DA ESPANHA, DÁ À «ILUSTRAÇÃO» AS SUAS IMPRESSÕES SOBRE «TARARI!...», DE VALENTIN ANDRÉS ALVAREZ

esta peça, que tanto se afasta, no entanto, das que se costumam ver nos palcos espanhóis. A que atribuir isto? Não é acaso do domínio comum aquela frase que assegura que os nossos públicos não podem digerir outros manjares senão aqueles que dia a dia lhes servem os nossos conspícuos homens de teatro? Ora isto é uma verdade... a meias. Os nossos públicos, como os do resto do mundo, ainda com o lastro da sua palmar educação estética, podem reagir ante qualquer fenómeno de emoção pura ou de autêntica graça.

*Tarari!*... é uma peça de teatralidade



Acto 2.º de «Tarari!»





Scena culminante do 4.º acto de «Tarari!»

espontânea e rotunda. Eis uma qualidade fundamental de todo o teatro que aspire a sê-lo. E, por outro lado, é uma farsa na que não falta nenhum dos segrêdos capazes de despertar e conservar em tensão o interesse dos espectadores; uma ideia eficiente, realizada com vigor por uma habilidade intuitiva, sem dúvida, mas nem por isso menos certa e poderosa. São estas as qualidades básicas que fazem de *Tarari!...* uma peça «simpática» e convincente. Além disso, com a virtude de agradar a uns e a outros; tanto às maiorias como às minorias; a tirios como a troianos.

Outros muitos valores convergem nesta obra, aparentemente secundários, mas que na realidade não o são: os seus assomos molierescos e shawianos de sátira desenfadada; o seu diálogo fácil, engenhoso e preciso; o seu radical acento cómico, que não nasce do chiste nem do calembur, mas das próprias situações; a simpatia universal pelos doidos, aliada à sugestão que estes exercem sobre a humanidade cordata com as «filosofias» dos seus momentos lúcidos. (Ao vulgo pertence aquela frase — verdadeira, sem dúvida — que atribui a voz da verdade às crianças e aos dementes). Mas, sobretudo, o seu dinamismo teatral e expressivo, a sua vitalidade humana. Ao que parece, não se apresenta em *Tarari!...* nenhum problema; mas palpita burlescamente o eterno drama da luta entre a razão (a pobre e mesquinha razão dos homens cordatos) e a loucura (a loucura, tantas vezes mais cheia de elevação, dos doidos).

Este forte canhamação de raiz humana, no qual Valentin Andrés teceu finamente a sua comédia, foi o que lhe permitiu, sem o menor protesto das massas, dar à sua obra

um elevado tom intelectual. Porque *Tarari!...* significa ante tudo e como tódas as boas criações satíricas, um esforço do cérebro, um intento de claridade e harmonia. É isto talvez o que a exime de excessos líricos e sentimentais; o que lhe dá, em suma, uma escrupulosa asepsia literária muito do gosto do nosso tempo. Seria um erro deduzir de tudo isto que o espírito satírico amolda a *Tarari!...* uma atitude didáctica de falsa transcendência. A sátira faz aqui ágeis piruetas e funde-se com o humor. O humor não pode ser, em caso algum, soléne nem pedante, e oferece a densidade do pensamento em porções repartidas e contínuas. Tudo ganha assim uma alegria sã e contagiosa; o verdadeiro espírito da farsa agita o seu tirso e leva-nos a sorrir; todavia este sorriso não se produz por um *mero formigueiro cutâneo*, mas, sim, por uma sugestão cerebral.

Completamente isenta de grosserias, de efeitos intoleráveis e sem «habilidades» de segunda mão, *Tarari!...* é uma peça cómica de plausível decoro e notável equilíbrio. O autor jogou, ao compô-la, com armas limpas, e o público — toda a classe de público — sentiu o desejo de premiar-lhe a pulcritude.

Este belo triunfo de Valentin Andrés consola e anima, porque significa uma possibilidade de emenda, embora remota, nos nossos deploráveis costumes teatrais. Será o seu *Tarari!...* o toque bélico de clarim a chamar os jovens espanhóis para uma frente única que consiga impor aos cenários esquiuos um teatro superior ao que padecemos?

Madrid — Janeiro de 1930.

FRANCISCO PINA.



Valentin Andrés Álvarez

(Foto Lagos)



## A MODERNA PINTURA ESPANHOLA



Daniel Vasquez Diaz

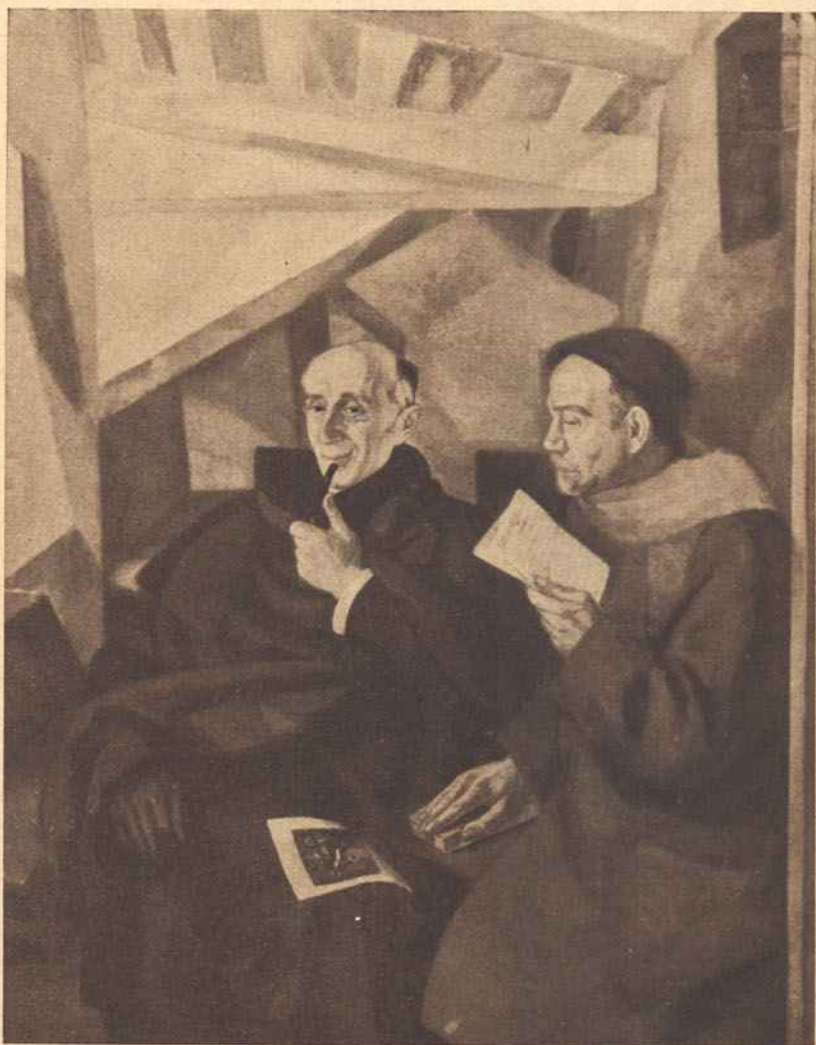
# DANIEL VASQUEZ DIAZ

partir dum termo de origem: — do desenho. cente e o mais sugestivo de todos os domínios férreos, irrompe a harmonia. Eis tôdas linhas, que é o mais grato, o mais completo a gênese da criação pictórica.

## O «ESTUDIO» DO PINTOR

Há uma nota comunicativa, saliente, dominante, no «estudio» de Vasquez Diaz: a disciplina. Não a disciplina na disposição dos móveis ou na ordenação dos papéis, que esses, ao alcance de qualquer vontade, bem os traz êle sabe Deus como... Mas a forte disciplina de alguém que se impôs a si. Andou o artista à mercê de intensas inquietudes, os olhos postos na infinita beleza das coisas, e, após muito deambular pela contemplação da vida, encontrou um destino. Quis chegar ao amago da matéria, àquele ponto onde reside em máxima potencialidade o espírito da matéria, e conseguiu-o. Como? Fazendo do desenho uma questão moral. E foi tão saudável, tão depurador, tão elevado êste processo que eu creio que todos os pintores, à semelhança de Vasquez Diaz, deviam fazer do desenho uma questão moral.

Assim como a educação do homem é qualquer coisa mais íntima do que modos de bem dizer ou a fiel observância de regras cerimoniais, o pintor, se quer atingir o pleno domínio da realização da sua arte, há de assentar o *semblante* da sua obra — colorido e composição — numa base sólida e inconciliável com hesitações ou evasivas. Tem que



O novelista Pio Baroja e seu irmão o pintor Ricardo Baroja



No *estúdio* de Vasquez Diaz, onde a alegria, a audácia, o calor das tintas enchem de ofuscação os olhos perplexos que se aproximam, o observador, que persiga honradamente a intenção do artista, só alcança um ponto de orientação fixa quando parte do desenho para lóra. Em função de arte impera, sobretudo, êste grande elemento fundamental.

VASQUEZ DIAZ E OS FRADES

Já lá dizia Garrett, aquele excelso janota que tão perito foi no manejo do humor: «No ponto de vista artístico, o frade faz muita falta.» Vasquez Diaz opina, sem dúvida, como o nosso grande poeta do século passado. É, com efeito, surpreendente a considerável proporção de frades que entra na obra d'êste magnífico pintor. Mas os frades



O doutor Gregório Maranhão

de Vasquez Diaz não são os frades tostados pelas fogueiras místicas da tradição católica.

A nossa época — e êle é bem um artista dos nossos dias — que tende a proclamar o sentido helênico da vida — fôrça, saúde, temperança, equilíbrio, alegria de viver, não se coaduna com tenebrosidades nem mistérios.

Êstes cederam sob a invasão das lendas de terno carácter popular. A poesia não se perdeu; só tomou um novo rumo. O céu, agora, é como a terra e como o mar: um esplêndido cenário aberto às almas fortes, que são as únicas que têm o direito a dizer-nos o que sentem. É difícil a compreensão da vida? Intentemo-la de frente, cara a cara, com os olhos nela e sem as contorções inestéticas e passivas dos nossos antecessores, para sempre condenados ao péso duma horrível cruz. Deus, na hora que passa, está mais reconciliado com os homens. É o prémio, e do melhor quilate, que Ele concede à justiça que



FAMÍLIA — Uma das obras-primas de Daniel Vasquez Diaz



estes deram em prestar à sua infinita bondade.

São assim os frades de Vasquez Diaz: simpáticos, bonacheirões, belos sujeitos, sábiamente nutridos, sem grandes preocupações na eternidade, o porte necessário a manter distâncias nos momentos das solenidades do seu officio, submetendo um pouco a temperanças da época — não lho levemos a mal!... — às iguarias da dispensa.

Além disso, o frade constituiu nos quadros d'este notável artista um importante valor de composição. Persegue Vasquez Diaz, e é esta a linha dominante da sua obra, conjugar, em vigorosa síntese, a harmonia de todos os elementos de visualidade. Assim, os bureis brancos dos capuchinhos, mais do que uma nota descritiva ou anedótica, representam um sugestivo valor de composição à volta do qual todos os outros se movem sem forçada humildade.

Quando da minha última visita ao seu estúdio, vi esboçado um novo quadro de ambiente monástico. Eu chamar-lhe hia — pese ao intuito um pouco literário da designação — sinfonia em triângulos. Os capuchos triangulares dos frades são o ponto de origem para o seguimento do quadro. Luz, tintas e desenho tudo se espraia num sentido triangular, na elegante composição triangular. E assim há de atingir a sua máxima expressão. Como se vê, os frades para Vasquez Dias não passam dum valor de pintura como outro qualquer.

INFLUÊNCIAS

Em pleno poder das suas faculdades artísticas, Daniel Vasquez Diaz tem um gráfico seu, inconfundível, peculiar, determinativo da sua personalidade. Diríamos uma escola sua, se escola se pode chamar a todo aquele movimento que forma adeptos.

Hoje, nos pintores novos da Espanha, nota-se preferentemente a influência d'este grande mestre. Pintura de forte cunho pessoal com amplas dimensões de universalidade, não é de estranhar que assim suceda.



O IDOLO SINHO — Célebre quadro de Vasquez Diaz

Ao parecer, são estes os pintores que mais facilmente se imitam. E os mais difíceis. O Greco e Goya — dois exemplos indestrutíveis.

A SOMBRA DAQUELA ÁRVORE

A sombra daquela árvore, grande e frondosa árvore, nascem dois artistas mais: —

sua esposa, a interessante escultora dinamarquesa Eva Aggerholm, deliciosa desenhadora, e seu filho, Rafael Vasquez Diaz, já com a retina inundada de saboroso colorido e com o forte instinto dum grande artista. Um e outro merecem pausada referência. Aí fica a promessa para a próxima oportunidade.

NOVAIS TRIXEIRA.



# UMA GRANDE CANTORA AMERICANA



*J. Torres de Carvalho  
from  
Adele Parkhurst*

## ADELE PARKHURST

torna, alguns copos partidos e... eu que falo à linda artista americana que marca o encontro para o dia seguinte.

— Conversaremos melhor, diz, sorrindo graciosamente.

...E o baile, naquela noite de Entrudo à quatro da madrugada tem o seu último acta na piscina pompeiana onde finda por um banho de água tépida.

Quando já ia retirar-me, Adele Parkhurst, aconchegando ao corpo molhado um lindo pijama, diz-me num sorriso delicioso:

— *Good night!... To morrow!...*

No dia seguinte, fui encontrá-la no *deck*, reclinada numa cadeira de braços, ora folheando um livro que tinha entre mãos, ora contemplando aquele mar imenso que se estendia diante dos nossos olhos como uma infundável toalha azul.

— Não, não, entrevistas, não... — diz-me Adele Parkhurst, compreendendo as minhas intenções.

— Conversaremos, se assim preferere... — respondo.

— *All right!*

E num inglês que ela tem o condão de tornar agradável faz-me saber que:

De Nova York dirige-se a Trieste e dali a Veneza e a outras cidades de Itália. Depois irá para França onde, descansará durante um ano e fará estudar, num colégio, o filho — um rapazola simpático de treze anos — que a acompanha.

Em seguida irá à Áustria.

É filha de músicos e nascida em Minneapolis.

Estreou-se em Nova York, cantando como solista na «New-York Oratory Society».

Entre outras, tem cantado as óperas: *Carmen*, *Fidelio*, *Der Freischütz*, *Hansel und Gretel*, *Gilbert e Sullivan*.

Os americanos preferem o cinema ao teatro.

A melhor actriz americana é Ethel Barrymore.

Prefere cantar a *solo*.

Ultimamente tem cantado para a grande companhia de rádio-telefonía «National Broadcasting».

Os ordenados melhores são os dos artistas da rádio.

E finaliza, vocalizando:

*No, more!...*

— *Much thanks!*

Era quanto me podia interessar...

Encaminhei-me para a minha cabine, deixando aquela linda mulher americana entregue à sedução do livro e do mar procurando, talvez, na leitura distrair os pensamentos e as recordações que o mar lhe trazia da Nova York distante.

A bordo do «Saturnia».

J. TÓRRES DE CARVALHO.

A bordo viaja uma senhora que, ocupando como outras milionárias uma cabine de extra-luxo, se distingue pelo seu interessante tipo meridional, pela sua formosura, pelas suas riquíssimas *toilettes* e pela sua elegância de maneiras.

A curiosidade faz com que indague acerca da linda viajante.

Não me é difícil. Todos a conhecem. Alguém, muito amavelmente, diz-me:

— É uma grande cantora americana, Adele Parkhurst. Já a ouvi cantar diversas vezes. Tem uma voz de soprano deliciosa, bem timbrada e canta com extraordinária virtuosidade. O público de Nova York tem por ela um interesse especial. As suas audições com a «New York Symphony Orchestra»; «Chicago Symphony Orchestra» e «Minneapolis Symphony Orchestra» ficaram célebres...

Agradeço a informação e procuro falar a Adele Parkhurst.

As apresentações não são necessárias a

bordo. Basta uma palavra dita a propósito para servir de pretexto para qualquer conversação.

Naquela noite, no faustoso salão Luís XVI haveria um baile de máscaras.

Que melhor oportunidade?! A noite, Adele Parkhurst, lá estava, ostentando uma maravilhosa *toilette*.

Atravessam a sala, em contínuos zig-zagues serpentinando de várias côres. *Confetti*, balões e mil frivolidades próprias da ocasião surgem de todos os lados.

O *jazz*, o estalar das rólhas das garrafas de champanhe, a alegria daquele ambiente e a impassibilidade daquele vapor-palácio sulcando indiferente o mar misterioso, dá-me a impressão de assistir a uma festa deslumbrante, em terra firme.

Um maço de serpentinhas, que alguém atirara desastradamente, cai sobre a mesa ocupada pela ilustre cantora.

Uma garrafa de champanhe que se en-



# A S N O I T E S D E B E R L I M

COMO  
A VIDA  
PASSA...

ORGIA  
ALICIANTE...  
TEATROS  
"DANCINGS,"  
"BOITES  
DE  
NUIT,"



Aspecto nocturno de Hardenbergstrasse

Berlim, a grande metrópole europeia, ergue hoje mais alto o *placard* das suas atrações do que propriamente Paris. Berlim ale-

gra dia a dia o semblante, promove facilidades com um sorriso acessível, desenvolve o seu plano científico do turismo, renovando e multiplicando os seus centros de diversões.

Em verdade, Berlim, que é hoje indubitavelmente uma grande posição cosmopolita, copiou a *maquillage* parisiense; mas ao aplicá-la retoçou a fisionomia de tons novos, de vivacidade, de frescura e de sugestivo modernismo.

A praça Figalle e a rua Clichy, o Montmartre perturbador dos sentidos e centro de surpresas para o estrangeiro em Paris, tem na capital do Reich, em Friedrichstrasse e em Hardenbergstrasse uma reprodução movimentada, feérica e irresistível.

Mas Berlim, sanatório para cura de melancolias, não vive unicamente dos esbanjamentos e da curiosidade do estrangeiro.

A população da capital berlinenses, que durante o dia se dedica com persistência ao trabalho com o silêncio de verdadeiros autó-



O «dancing» do Vaterland.



## ILUSTRAÇÃO

matos, procura despreocupadamente, à noite, os divertimentos que são, além duma lógica compensação ao esforço dispendido, um estímulo necessário à vida.

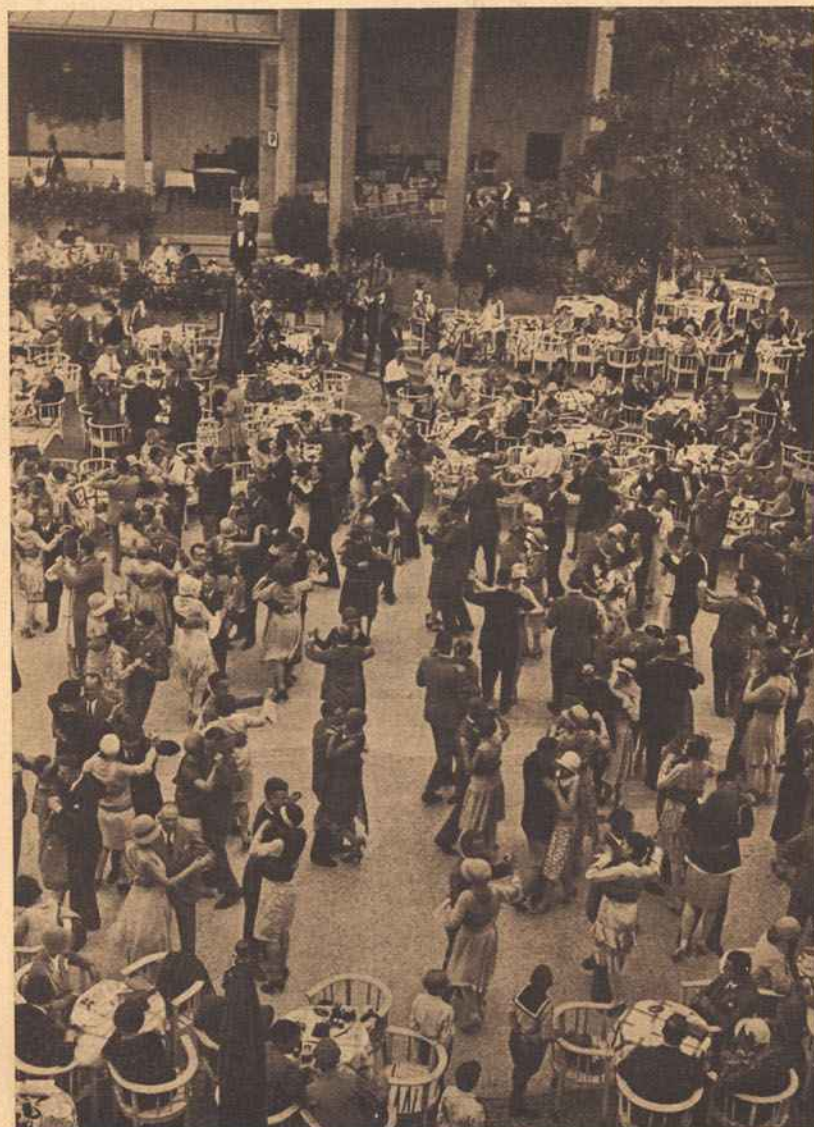
As quatro da tarde já os salões dos clubes e os *hall's* dos *Palaces* realçam pela animação. O Bristol, o Esplanade e o Adlon — trindade de elegância requintada — rasgam o véu fosforescente dum lindo capricho oriental. E o desfile de mulheres inicia-se, altas, esbeltas, belezas sãdas, serenas de formosura, guarnecidas com *journales signées* Mitchel a resguardar as epidermes, da branquura do leite, onde scintilam jóias de preço.

Todo o encanto dos interiores é reproduzido pelos cristais dos espelhos, o ritmo coleante das valsas — éco do Reno e das



Fachada do Casanova e do Scala Theater

A ESQUERDA: — A hora do chá dançante no Tiergarten



mfargens do Danúbio — e o nervosismo dos *shimmy's*, grito das raças novas.

E a hora do chá estende a sua teia sedutora, infiltra-se ao longo da cidade dos quatro milhões e meio de habitantes, propaga-se como nota de distinção e de intimidade. Comunica-se aos *dancings*, aos grandes armazens de modas, à exposição dos costureiros e na esplanada do Tiergarten reveste-se dum carácter popular.

A hora dos espectáculos em Berlim é fixada pelo mesmo horário de Paris, de Londres e de Madrid. As avenidas e praças tremem na intensidade duma nevrose de luz. Os movimentados *placards* coloridos, invulgares fantasias da sciência aplicada da energia, e as fachadas picotadas de luz líquida projectam claridades sôbre o asfalto polido como verniz espelheiro. O índice dos teatros é vasto e em todos êles não se sente ausência de público.

As três salas de ópera — o Municipal, República e Ópera — são centros de elegância e de cultura musical. Arco-irís de mulheres em decotes rasgados, orquestras com *kappellmeister virtuosos*, elencos com celebridades de canto.

Wintergarten, Scala e Plaza são os três maiores *music-hall's* da capital do Reich. Com um palco de vinte e oito metros de





Fachada do Barberina, à noite

A DIREITA: — O Traube, à hora do chá concerto

boca e quatrocentos metros de superfície, comportando cêrca de seis mil espectadores, a sala do Wintergarten destaca como característica especial a abóbada estrelada que nos dá a ilusão do ar livre, em pleno firmamento constelado de astros. Convidativas, atraentíssimas as suas *terrasses* e jardins de inverno onde se servem ceias. O Plaza, considerado como a catedral do gênero alegre, adaptado à nave da antiga *gare* do Leste — a *Ostbahnhof* — é o teatro preferido pelas classes populares. O Scala, com a sua vasta scena giratória e o seu *foyer* de linhas sóbrias, aconchêga três mil espectadores. E não falando naqueles onde se representam as pitorescas e ingénuas farças germânicas ou se desenrolam os dramas expressionistas, há a salientar pela imponência e última palavra em artes decorativas, os teatros de opereta e revista como o Vestens, o Metropol, o Hansa, o Grotes Schauspielhaus e o Koeniggraberstrass.

Mas não é só o equilíbrio das massas, o ritmo de representação geral que nos subjugam numa forte impressão de admiração. A concepção, o requinte de fantasia, o recorte de modernismo das encenações sintéticas de Max Reinhardt, Barnousky, Piscator e Jessner são famosas, são multiplicadores de inéditas linhas artísticas.

Esvasiam-se as salas dos espectáculos,



bate a hora ruidosa a hora em que no interior opiado de dezenas de *dancings* e de *boîtes de nuit* se inicia uma vida de prazer e de vertigem absorvente.

O Lunapark, *maquette* dum lindo sonho de Sheherezade, movimenta-se desde a tarde à linha terminal da madrugada, num *roulement* de freqüentadores e num rumor vibrante. Divertimentos que se proporcionam ao público e público que é, afinal, a razão fundamental dêsses divertimentos.

Há gritos nervosos que irrompem do alto das *montanhas russas* e vão ecoar no rodopio dos *carrusseis*. Dos salões de dança e dos *rinks* de patinagem a mesma confusão de notas de alegria. Na grande piscina temperada, onde a ondulação da água nos dá a ilusão do ritmo dum verdadeiro oceano em





A «parterre» do Gourmemahaus

de pé sobre a mesa, os rostos congestionados, as canções de exaltação regionalista. A civilização tonitroante do jazz não assentou ali arraiais.

No Ambassadeurs, com as suas piscinas luminosas, ajusta-se o figurino americano. Há curiosos modelos de chapéus, em papel. Cortam o ambiente coloridos balões de gás. Uma teia permanente de serpentinas. Pleno Carnaval.

Mas a série de *tanz* não pára aqui. O Libelle, onde os efeitos de luz percorrem a mais exuberante escala cromática, intervala os números de dança com um friso de *fräulein* de plásticas harmoniosas. O Traube, disposto em anfiteatro, dum modernismo de apurado gosto; o Königin afirmação cubista freqüentado por mulheres em *travesti*; o Conditorei Café Berlin; o Marmorsaal; o

Rheingold e tantas outras *boîtes*, que recomendam Berlim como uma cidade esplendorosa de prazer e de vivacidade, povoam-se tôdas as noites de *silhouettes* de elegantes e formosas mulheres que concedem olhares demorados de perturbação e sorrisos conscientes do seu encanto, como se fôsem pre-fácios daquelas novelas aliciantes que terminam quasi sempre por uma crise nervosa, ao despontar da manhã, numa alcova perfumada...

MÁRIO DE FIGUEIREDO.

agitação, praticam-se tôdas as *figuras* de natação plástica, ao som das mais modernas e adequadas estilizações do jazz.

O Fémina é um dos mais modernos *dancings* da moda. Azul e oiro no interior. Prodígio de bom gosto. Tem capacidade para duas mil pessoas. Cada mesa está provida dum telefone automático, graças ao qual é possível fazer combinações sem ser necessário deslocar-se a duzentos metros. Quatro orquestras animam ininterruptamente o ambiente. Frêquência de tom. O Gourmemahaus oferece a impressão dum grande *Palace* do mar. As *parterres*, em mármore, apresentam aquários guarnecidos de maciços de flores. Trajes de cerimônia. Perturbador mostruário de decotes. O Vaterland é uma nota de distinção, com as suas *boîtes* anexas, decoradas em vários estilos. Forma o *plafond* do *dancing* uma curiosa e scintilante constelação de cristais e das colunas irradiam projecções de luz colorida. Em Hardenbergstrass fica o Barberina, estilo Luís XV, imponente, notável pelas suas fontes luminosas. Tem o nome da formosa cautora italiana, a Barberini, que ficou célebre pela escandalosa protecção que lhe dispensou o imperador Frederico I.

O Casanova, contiguo ao Scala-Theater é curioso pelos seus quatro *bars* — espanhol, turco, americano e do Far-West — vestidos

com decorações e indumentária absolutamente características, em ambientes perfectos de justeza.

O Alt-Bayern é uma saúdade enterneçada da Baviera. Um encanto de poesia scenográfica. Lá está o recorte sinuoso das montanhas, a fisionomia pitoresca das habitações. Nos palco, duas orquestras de obesos bávaros arrancam dos metais marchas sonoras, danças ingénuas de recorte popular.

O público, mascarando as dificuldades assustadoras da vida, acompanha em côro,



Um aspecto do «dancing» do Fémina



QUANDO os amigos mais íntimos, os mais graduados pelos anos da fraternidade maçónica da sua seita elegante, lhe perguntavam como e onde conhecia Dália — Eugénio de Jesus ganhava um... «em Londres», muito apressado, acrescentando, sem rubricas elucidativas, que tinha sido num «five» — por um acaso de vizinhança de mesas. Sobre o local exacto desse primeiro encontro corriam várias versões — tantas quantas vezes Eugénio de Jesus mentira... A uns evocara o «hall» do «Cecil»; a outros o «Indian» e o «Savoia»; a outros ainda, o «Royal-Room» e o «Imperial»... Mas o que transparecia mais ainda a insinceridade de Eugénio de Jesus, era o sorriso falsamente artificial, a fingir que o contrariavam as incondições sobre o segredo daquele idílio. Pretendendo adensar o mistério que ocultava, como numa estufa de vidros opacos, a mulher mais cosmopolita e estranha que Lisboa conhecia até aquela data, conseguia apenas desvalorizar-se, como floricultor, ante os companheiros da tertúlia, que depois cochichavam insinuações a seu respeito...

De facto, Eugénio de Jesus, envaidecido pela sensação e pelas invejas que a sua conquista provocara, cometa a fraqueza de exagerar aquele sorriso, que era uma espécie de maquilhagem de artista. Mas a caracterização sem tintas, a caracterização histrionica do jogo fisionómico não era recurso ao seu alcance. Daí o efeito desastrado que produzia, dando aos outros a impressão nítida de uma basófia quando Eugénio desejava apenas sair airoso da impossibilidade de lhes responder com um relato detalhado e verdadeiro... Ora a «verdade» daquele encontro donde tinha colhido Dália não era, positivamente, lisonjeira para Eugénio de Jesus, sobretudo para as suas pretensões sociais, para as suas proclamações de moralizador precoce... Se Dália representava agora uma glória; se exibia na cidade, pelo seu braço (pequena Cleópatra de corpo helénico e um arco-íris a tingir-lhe o rosto, triangular e futurista) lhe delatava o orgulho já de si clássico; se nos bastidores do seu espírito se esponjava voluptuosamente



NOVELA INEDITA E ORIGINAL

de "Gipsy"  
do Metropolitan

DO REPORTEUR X



DESENHOS DE JOSÉ TAGARRO

feliz por ser amado, por ter sido escolhido para amar aquela mulher-modélico-único — nos bastidores da sua consciência, hiper-sensibilizada por uma ginástica moral, embora mais snob do que sincera — Dália afixara-se como aviso dum remorso futuro; era como o nó-do-lenço para não se esquecer do acto mais vil que se pode praticar e que elle praticava...

E tudo aquilo brotara de um nada, de um acidente banalíssimo da vida moderna: de uma greve de operários... Sim, de uma greve. E ao recordá-lo e para desviar imediatamente a sua atenção de sobre si próprio, aproveitava o pretexto para solidificar as suas teorias conservadoras:

— As malditas greves! A soberania da ralé! Se não fôsse as greves nunca teria caído na cilada que Satanás me arrou...

II

Eugénio de Jesus estava em Londres a pretexto de negociar uma partida de vinho do Pôrto e hospedára-se num hotel afastado da City, incómodo, portanto, para as suas lufalufas comerciais mas que, em compensação, o premiava com o friso de dez ou doze *misses* independentes e de latina vivacidade — clientela quasi única daquela casa. Femeiro como quasi todos os nossos compatriotas e vagamente influenciado ainda pelo ingenuo convencimento de que nós, os portugueses, materializamos a suprema aspiração de amor de todas as mulheres estrangeiras, Eugénio sentia-se naquele hotel como um petiz a quem tivessem aberto a montra duma confeitaria, dizendo-lhe: «Escolhe e come à tua vontade...»

Levantava-se tarde, hábito adquirido na sua quasi ininterrupta vida de ralaço-chic do Chiado e resistente até mesmo ao contágio da vida intensa, febril, quasi eléctrica, de Londres; tomava o metropolitano (não por economia mas sim para se amalgamar, num contacto íntimo com a multidão feminina que circulava no sub-solo, àquela hora, a caminho das suas fainas); visitava os correspondentes e os hipotéticos compradores; almoçava num «dunch-room» de Regent-Street (servido por deliciosas e agigantadas *girls*); telegrafava para Portugal, tudo numa

vertigem, numa actividade veloz que não era actividade mas sim pressa de regressar ao hotel e de se encontrar na intimidade daquelas doze companheiras de casa que o escutavam e o atendiam ora escandalizadas, ora surpreendidas, ora risinhas, mas dando-lhe sempre a sensação gulosa de estarem seduzidas pelo seu bruxedo de «portuguesinho valente...» Não ia a um teatro, não abria um livro, não dava um passeio, não folheava um jornal... Todo o tempo que perdesse fora do platónico convívio daquele elenco feminino, era como se esbanjasse um tesouro caído do céu. Daí o ignorar, naquela manhã, que parte do pessoal do metropolitano se declarara em greve...

O conflito tinha sido provocado pela legião imensa dos «Sem-emprego» — naquela época mais numerosa e ameaçadora do que agora. A guerra terminara havia pouco... As mulheres que a Companhia recrutara para preencher as lacunas abertas pelo alistamento militar, negavam-se a abandonar os seus postos em favor dos desmobilizados. Estes quiseram apossar-se dos seus lugares, conjurando com o pessoal masculino; e ante a perplexidade da Companhia estoirara a greve.

A circulação dos comboios subterrâneos não paralizara totalmente. Houvera, sim, uma redução de serviço e o encerramento de três quartos das estações. Os comboios apenas paravam nos locais de maior importância. Eram onze horas quando Eugénio se enfileirou na bicha formada frente à *gare* vizinha do hotel, *terminus* daquela linha. Desceu os cinco lanços de escada que como um extravagante esófago o conduziam ao «anden» — espécie de enorme estômago de tijolo azulado e ali esperou, sem se alarmar com a invulgaridade do movimento, o primeiro comboio que o levasse para a City. Entrou para um compartimento de primeira classe e escolheu uma banqueta frente a uma muito loira e fotogénica passageira, toda mergulhada na leitura dum *magazine*. Trilaram apitos, e o comboio, como uma serpente transparente e recheada de globos eléctricos que fôsse engulida por outra serpente agigantada, entrou, silvando, pela estreiteza penumbrosa do túnel. Se Eugénio não fôsse de tão fácil e rápida hipnose quando sentia o





seu olhar acariciado por outro olhar; se aquela *miss* não tivesse fechado o *magazine* para floreitar com ele o sisudo — teria notado forçosamente que o combóio, desde a partida, não parára nem uma só vez; teria visto, pelo menos, o cartaz colado numa das vidraças do *wagon* onde a Companhia prevenia o público que só três *gares* se conservavam abertas naquele percurso... Mas Eugénio nada notava; nada leu, abajorado já pelo *flirt* que florescia a olhos vistos...

Súbito, despertou... O combóio parava... Espreitando através dos cristais da janela, *abatjourando* a mão junto à testa para melhor ver o dístico da *gare*... Mas era ali mesmo que devia sair... Era uma pena... Um autêntico vandalismo — abandonar, em pleno triunfo, a claridade terna e quente daqueles lindos olhos verdes... Mas os negócios eram negócios... Levantou-se; pulou para o passeio da estação, e quedou-se espeado, para saborear até ao último gôlo, até o combóio desaparecer no túnel, aquela guloseima amorosa...

Trilaram novos apitos... Guinchou o sinal do maquinista... E o enxame de estrélas que os *wagons* atrelados projectavam nas trevas do túnel foi mingando, mingando, até se diluírem na negrura... Só então Eugénio de Jesus se moveu dando uns passos para uma das portas... Não chegou, porém, a aproximar-se: umas grades quadriculadas a vedavam. Estranhou e dirigiu-se a outra porta... A mesma vedação... Que queria aquilo dizer? Pensou em interrogar qualquer empregado... Circumvagou o olhar... E só então constatou que a *gare* estava deserta... Nem funcionários nem passageiros...

Era tão extraordinário e inconcebível aquele abandono que, por momentos, julgou sonhar, explicação habitual a que todos os espíritos se engancham, no primeiro choque com um imprevisto inverosímil. Examinou de novo o dístico, ainda na suspeita de que se tivesse equivocado, descendo numa estação inservível e há muito fechada. Não se equivocara; era ali que ele descia todos os dias. Era ali que ele tinha saído na véspera... Aquela solidão; a ideia de se encontrar abandonado a quarenta ou cinquenta metros de profundidade, sob os asfaltos de Londres; a sensação de mistério tenebroso im-

posta pelos dois bocais do túnel, negros intestinos de um monstro anti-diluviano vistos por dentro; a penumbra apenas aguada pelo reflexo de umas lâmpadas mui pálidas e espaçadas; o fartum a humidade, a terra molhada; o ar denso, áspero e morno que lhe feria os pulmões, tudo, enfim, colaborava para o pensar numa ânsia aflitiva de enterado vivo. Sem calma para raciocinar, atribuiu, sub-conscientemente a sua situação inexplicável a uma proeza de fantasmas, a uma obra sobrenatural, o que vinha agravar, mais ainda, a sua perturbação e torná-la quasi em terror...

Não lendo jornais, ignorando a greve parcial, não tendo reparado na manobra de um dos condutores do metropolitano que saíra naquela estação para retirar uma pequena caixa esquecida pelos grévistas no cubículo do sinaleiro e transportá-la para um dos *wagons* (motivo único porque o combóio parára ali) eram naturais e legítimos todos os pensamentos que cabriolavam no cérebro de Eugénio de Jesus, mesmo os mais disparatados. Sacudiu as grades que fechavam as portas; berrou a todo o fole dos seus rijos pulmões, pedindo «socorro!», como um naufrago perdido no mar, e a sua voz ecoava sinistramente, inútilmente, pelas escadarias e pelos túneis... E para cúmulo do infortúnio, uma bomba de dinamite, lançada pelos insurrectos numa estação distante fizera com que a Companhia ordenasse a suspensão imediata de todo o tráfico, não tornando a passar por aquela estação nenhum dos poucos combóios que ainda circulavam.

O que foi o final daquele dia e sobretudo a noite para o pobre naufrago do metropolitano não o esqueceu nunca mais! A fraqueza, pela falta de alimentação, violência das sacudidas consecutivas que os seus nervos sofriram; o medo (sim, o medo em que o terror se metamorfoseara) um medo infantil, um medo de almas do outro mundo e de bruxas, acabaram por o abater e deixá-lo sossegar, estirado num banco, fechado a sete chaves num sono vazio, num sono como a morte, num sono sem sonhos nem pesadelos... Não podia ele calcular as horas de armistício que viveu dormindo, porque quando acordou não sentiu curiosidade em consultar o relógio; e quando sentiu essa curiosidade, já o minúsculo coração do cronómetro deixara de latejar.

As autoridades tinham imposto aos directores do «Metropolitano» recomençar o serviço com o pessoal de que dispunham, e às 11 da manhã do dia seguinte (quasi 24 horas depois de Eugénio estar prisioneiro dos túneis) saía da central o primeiro combóio. E como na véspera caprichou o acaso que o combóio parasse uns instantes naquela estação, porque os condutores estavam encarregados de apanhar as poucas lâmpadas que se conservavam acesas nas estações desertas.

Nem a barulheira do combóio, ecoando pelo túnel e quebrando aquele silêncio sahariano: o entrecchoque de metais e o trilar dos apitos; nem o incendiar daquela estalada de luzes que as janelas dos *wagons* projectavam para a penumbra, o despertaram. Parou o combóio; saltou o empregado para o passeio, manobrou no quadro eléctrico; regressou, numa corrida, para o seu compartimento; o combóio recomeçou a rodar e a orquestrar todos os ruídos da marcha — e só quando d'ele restava apenas uma cauda de luz é que Eugénio voltou a si...

A verdade dolorosa da sua situação assaltou-o mal ele ergueu as pálpebras. Pulou do banco, correu para a extremidade da *gare* e gesticulou e gritou, sem ser visto nem escutado! A cauda de claridade que o combóio arrastava fôra sorvida pelas trevas, num segundo, como uma mancha de tinta sob um mata-borrão; as trevas que se lhe seguiram devido a terem sido apagadas as poucas lâmpadas que iluminavam a *gare* até então, asfixiavam Eugénio numa dispnea quasi mortal... Era o que lhe faltava para o martírio ser completo: a escuridão... Nem um palmo adiante do nariz! Fome; medo; a angústia de se sentir enterrado vivo, e ainda por cima, as trevas, a cegueira, impossibilitando-o de se mexer! E que pouca sorte a sua! Não acordar quando o combóio passava! Sabia Deus quando teria outro! O empregado não o via — e era natural: vinha com os olhos habituados ao clarão do *wagon*; a *gare* estava na penumbra; e ele fôra deitar-se no extremo oposto àquela em que o condutor







descera. Além disso, o seu sobretudo era da cor do banco...

Pouca sorte! Pouca sorte Mas o que se passaria, Virgem Santa? Que mistério, que bruxedo, que força ou que tragédia se ocultava por detrás daquilo tudo?

Estes raciocínios desbobinaram-se no espírito de Eugénio com a mesma velocidade com que o comboio fôra engulido pelo tunel! Ouviu-se ainda, a agonizar, ao longe, os guinchos, os uivos todo o fragor da máquina — quando o prisioneiro formulou esta última auto-pregunta. O seu extase foi picado pela impressão — a impressão apenas — duns passos que taconeavam perto e duma respiração ruidosa, fugada, de asmático, de doente ou de um corredor de maratona, que se aritmava aproximando-se-lhe. A impressão dêsse ruído — a impressão apenas — bastou para que Eugénio, no seu nervosismo e na sua super-sensibilidade, fôsse galvanizado pelo pânico do camponês que à meia noite encontrasse um trocista envolto num lençol branco. Quis gritar por socorro — e só não o fêz por pudor de si próprio. Quis deslocar-se e sentiu-se grudado à terra... E o ruído da respiração avizinhava-se mais ainda — até que — (Eugénio ia enlouquecendo!) — um corpo se chocou com o seu... E logo um berro, agudo e lamínoso como um punhal, um «Acudam-me!» vibrante e angustioso — trepidou nas trevas...

Foi um milagre... Todo o terror que se apossara de Eugénio libertou-o naquele instante... Que voluptia a sua ao sentir-se, tão repentinamente, aliviado daquele tormento! E não era só o alívio de se ter extinguido o medo que o inquisitoriava: é que êsse medo fôra substituído por uma doce esperança, quasi por uma promessa que o encantava... E que a voz que soltára aquele berro de desesperado pavor era inconfundivelmente feminina! Uma mulher! O seu mal estar, o seu medo vinham da solidão; a psicologia do medo tem dêsse caprichos. Muitas vezes uma criança basta para que um homem forte e não covarde, mas atacado pelo bacilo do terror, se sinta protegido e apto para todos os combates... Eugénio, ao surgir a seu lado

aquela mulher, nova ou velha, bela ou horrenda — reconquistara o seu próprio temperamento brigão e ousado e sentia-se capaz de lutar contra gigantes ou contra fantasmas... E não era um companheiro banal para o libertar do sofrimento do medo e da solidão: era um companheiro feminino — uma mulher — todo o seu fraco... Que deliciosa aventura lhe preparara o Destino!

### III

— Sossegue, *miss*... Calma... Não se assuste... Posso garantir-lhe que encontrou um *gentleman* e não um fantasma...

Havia, amalgamado com a pompa da sua curta apresentação, um traço de ironia a sublinhar a palavra «fantasma» — como se, minutos, segundos antes, a sua fantasia agulhada pelo terror, não tivesse também desenhado nas trevas as silhuetas etéreas de espíritos descarnados, farandulando em seu redor. Quem quer que fôsse sossegava, de facto... a respiração, que bafejava as faces de Eugénio de Jesus, perdera sonoridade, ritmando-se normalmente. Por fim, numa voz sem tremores, cantada e musical, sem preciosismo nem pretensões, uma voz que se materializou logo na imaginação dêle, recortando um rosto, colorindo de azul uns olhos enormes e moldando voluptuosamente um corpo de Deusa pagã enroupada com a sumptuosidade de uma princesa russa — indagou:

— Mas que sucedeu? Porque apagaram as luzes?

— Ignoro-o, *miss*... Repetiu-se consigo a mesma cilada em que ontem caí...

— Mas há quanto tempo está o senhor nesta estação?

— Há talvez 24 horas... Perdi a noção do tempo... Apiei-me; o combóio partiu e só então notei que tôdas as portas estavam fechadas... Mas ontem, ao menos, havia luz... o suplício era menor...

A companheira do «naufraço... subterrâneo» soltou uma pequena exclamação e revelou-lhe logo o segredo do que se passava:

— Mas não pode ser outra coisa... Foi por causa da greve...

— Qual greve?

— A dos empregados do «Metros»... É isto — não há dúvida... A mim, porém, tinham-me afirmado que esta *gare* funcionava ainda...

A explicação do mistério era um insignificante consólo para tão grande incômodo. Quando tornaria a passar outro combóio? Entre aquele em que êle viera e o que a trouxera deviam ter rodado mais de 24 horas...

— Ontem — li nos jornais — o pessoal não grevista amedrontou-se com a bomba que os grevistas lançaram — e daí a suspensão de todo o serviço — informou ela. Mas o governo insistiu para que se recommençasse o tráfico, garantindo uma vigilância tão apertada que tornasse impossível qualquer atentado. Nestas condições dentro de vinte a trinta minutos êste mesmo combóio regressa à central, e passa, forçosamente, por aqui...

— Deus a ouça, *miss*... Êste jejum forçado começa a castigar-me o estômago...

— Tem estado sem comer há 24 horas? — indagou em tom de lamento a *miss* (se era *miss* o instrumento humano de tão harmoniosa voz).

E depois, avivando-se num assomo de alegria exclamou:

— Espere! O seu problema é de fácil resolução... Tôdas as *gares* de metropolitano tem uns automátatos distribuidores de chocolate...

A fome era o único desmancha-prazeres que estava diminuindo, no espírito de Eugénio, o encantamento daquela estranha aventura. Por isso a descoberta do automátato (e sobretudo a do chocolate) nivelou-se, no cérebro de Eugénio, a qualquer prodigiosa invenção de Edison, de Einstein ou de Marconi.

— E como havemos nós de dar com o aparelho, cegos como estamos, entre trevas?

— Esta partida que o Acaso lhe pregou deve ter paralizado um pouco o seu raciocínio — observou ela, numa brusca intimidade risonha, como se se conhecessem de há muito.

— Então não tem fósforos?

(Continua)





O Choupal junto da via férrea

O comboio chegava à Estação Nova. Almeida espreguiçou-se, ergueu-se, debruçou-se na portinhola da carruagem e exclamou para dentro, radiante:

— Vocês não querem ver?

— O que há?...

De cócoras e em fila, rês-vés do metrópolo, a troupe do Rosendo esperava a ligação e ouviam-se primas gatinho.

— Eh, malta! — bradou Almeida estendendo o braço ao fecho da portinhola. Vindeis corridos da chuva? Piratas! Bem podíeis guardar para amanhã o arruado. Assim, famos todos.

— Pois cá estamos, cá estamos! — gritou Rosendo, desentranhando de dentro da capa cingida uma imensa matracá gortatória. E, desenvencilhando o braço com denêdo, atrocou as ares com um corropio estridente. A máquina parára; os engates do trem tremem; e meia dúzia de passageiros friorentos saltaram em terra entorpecidos.

Parte da malta saía com o vagar inerente

# SCENAS DE COIMBRA

à entrega dos billetes de gure; os mais, que não os tinham, galgaram as vedações como macacos em banana! Pina Teles travou do braço do amigo:

— Tu estás disposto a aturar-lhe?

— Não sei que faça...

— Patece-me que estão todos bêbedos... Mas enfim, mandas tu. Queres vir?

— Pois seja...

E, depois de festejados por um charivari da charanga — ferrinhos, harmónio, violões, duas câmaras que o Peralta roçava uma noutra agitando no cence da proissão, um pouco afastados e murchos...

Pina Teles e Aristides eram considerados, na República da Mala de Mão e em tóla a Courega de Lisboa, como *os dois varos apesnas cu as duas óas da pancelha*. Junta-vas cu as duas comun dos livres, da ganda amena e pacata pelos recantos prestigiados da velha Coimbra, onde um nicho, um painel de azulejos, a recordação de um nome célebre na literatura ou na beóma estivesse ligada por anedota ou clássica alusão.

Quando o grupo, mais ou menos disperso e hesitante, desembocou na Portagem, afastavam-se as derradeiras névens dum céu ceruleo. O quarto minguante lá estava para dar uma amostra de luar que acicatasse as almas. Dois ou três raios esquivelos do outono ralavam, e pareciam, pela monotonia e persistência daquele nítido, as campanhas de um cinema chamando para a quinta sessão.

— Oh rapazes! — gritou Almeida, trepando a um banco e desfaldando a capa escuracada. Ainda há tempo de irmos cantar à romena. Daqui ao Dragão são dois passos e aínda a apanhamos a pé.

Peralta alegou os impedimentos do costume: não podia cantar com neveiro; tinha a garganta assim, cheia de um melço obstinente... Além de que era tarde.

— Quantas marca a cebola, Pina Teles?

— Duas e meia. Duas e trinta e três.

— O Irás dos ferrinhos também protesta...

— É indelicado! E logo hoje, vés-pera de uma apresentação ao Basílio! Não vou.

Também os outros declararam que não iam. Mas as negas saíam sem força, com um acento que denunciava a pregação do bom senso, cansada, pré-firma, contra o automatismo que os engarrava já na ponte da Portagem. Manjeando a boca à moda dos cabreiros, Almeida seguia atrás das dôes:

— Ei, Malhada! Aquei! Eh, dôe!

A meio da ponte já tinham decidido a serenata. António Lobo era o inventor daquela género de estúrdia nocturna, meio pícaro meio bucólico, que Almeida crismara de arruado. Consistia numa sortida selecta de pacatórios, com dois ou três estoras de nomeada, um rouxinol do Mondego e o competente arsenal de cítaras e atambores. Esta porção de instrumentos, de que o harmónio era a base, destinava-se às portas de cervaria relapsas a abrir das tantas por diante.

Tecavam também à passagem pelas repúblicas aliadas e amigas, e nos sítios amenos, propícios ao fado e à saudade — tchum-tchum! — eram postos no chão e os violões gemiam. Enquasado o trovador ou falhada a unha ao mestre guitarrista, Almeida erguia o vazeiro tremendo, que, na frase de Pina Teles, rachava de meio a meio os écos compungidos:

— Viola no sacu! Aíô!

E uma segundilha ou malaguetada — influência, de Sevilha então infestada pela tuna — marcava a retirada com acompanhamento de batuce.

Era agote um desses famosos préstitos, que nessa noite, por peçaça de Almeida, deitava as bandas adormecidas e húmidas de Santa Clara. Quando Aristides, que voltara à Estação Nova em cata do moço para a mala, entrou apressado na ponte à saga dos tunos, já estes iam para diante do Carregueira das Índegas, que, contra seu costume, tinha os tapais descidos e a tabuleta arreada. Pina Teles tinha ficado à espetta, debruçado na varanda que vela a Portagem do rio. E, aínda de longe, começou:

— Com respeito àquilo em que falámos, ao empurro, esqueçá-me de te participar a grande novidade.

— Que temos?

— Por ora, quási nada. Uma vaga promessa de meu tio Teles, uma coisa que te há de...

— Homem, desembucha! Estou sobre asnas, caramba!

A quinta das Lágrimas ficava-lhes atrás, formando um volume denso e conchado, os raios ralavam sempre e mais. E na diatéria, a galorina ao léu e engalritada, o Peralta atacava um fado menor suavíssimo:

Veito nãz butas à porta,  
Que ela julga que sou eu...

— Pina Teles, oh estupor de Pina Teles! — bradou Almeida, exaltado.

A voz gemia, espraída:

E uma quimera moria,  
Nãz chòres por quem morreu...

Tinham parado em frente da quinta do Dragão, e o Peralta, ligado a um muro às costas do Irás dos ferrinhos, pousara ali na postura dos bardos fatais que

Nãz podem cantar o fado,  
Nãz fazem mal a ninguém...

E estava comovido. Concertou a garganta, agachou-se. Em baixo, ajoijados numa fi-

leira inspirada, os executantes do batuce, incapazes de prestarem concurso aos grandes vôs da lírica, faziam venciços e murchos. Os guitarristas enfiavam de pé, muito juntos, compondo os floreados do fecho num *doce ralentado*, e *fêz-se silêncio*. Almeida atravessou surreptitariamente a estrada, prendeu as mãos ambas ao rebordo do muro da quinta do Dragão, e, com esôrro, raspando as pedras com a biqueira da bota, trepon. Do caminho não se enxergava a casa, reatada para além do muro entre plátanos e como amassada pelo imenso telhado de quatro águas. Era uma vivenda modesta, antiga possada de caseiros que haviam transformado em casa à lavradora. Milharais de regadio desdobravam-lhe em roda uma grande capa verde; tinha nas traseiras um choúpo; de inverno, nas cheias, o rio punha-lhe em frente uma vela gorda e azul. O ponco luar da noite, cuando pelos plátanos, sarapintava as almas vigilantes de Almeida. Viu então que uma janela se entreabria e um vulto branco — branco do luar ou das vestes — se debruçava no peitoril. A meia voz clamou para trás:

— É ela!

— Ela? — preguntou, intrigado, Aristides. Ela, quem?

Pina Teles acudiu:

— A romena. Pois não sabes que está aí uma mulher divina, vinda não sei de donde, dizem que da Roménia?

Aristides disse que não. E dispunha-se o amigo a desenvolver o romance quando viu a malta encolhida, os pés nos buracos do muro e as cabeças à flor dos ligadros, como numa trincheira, à coca; e resolveu-se também a imitá-los no lance, e trepar. Peralta conservava-se no muro de frente e as guitarras preludiavam, queixosas, um fado menor estarechalinho. Almeida pedia em portante:

— Peralta, o sêiz que sim. Ela não sãz a janela, caramba, que mulher!

Mas o Peralta preferiu a famigerada trova que causara em Espanha um delírio. Tinha adaptado à drama misteriosa e largou-a aos campos saldosos, terrássima, remetida a voz às gamas agudas e meigas:

Estudantes de Coimbra,  
Lembrai-vos algumas vezes  
Das romenas, que são lindas  
E irãs dos portugueses.

Do terceiro verso ocultava a variante das saúnias. Tinha-a congeninado na aula de Filologia Portuguesa, no dia em que o mestre versava — as línguas novi-latinas. Mas o Pina Teles achava-a rebarbativa e pedantesca: — «Valáquia era a avô!» Bison:

Das romenas que são lindas, aíl...  
E irãs dos portugueses.

O vulto retirara-se. E continavam a ouvir-se os raios quando a troupe desceu, sacudindo as joelheiras e levantando as capas, e tomou em silêncio o caminho das Lágrimas em direcção à ponte. O luar estava mais vivo, calcado de estrelas desceitas e remotas. O pinhal de Marrocos distanciava-se e era um microço quási negro. Em pinha, mais nítidas onde as lâmpadas formavam fogaréus, as casas da Courega pareciam então saiz de enormes blocos brancos, e formavam torres monacas, quási impossíveis de lirismo búco e vago. Da torre da Universi-

dade, como pedia o lance, pingaram três horas suturinas. Então o rancho desfez-se, na Portagem. O Irás, de novo lembrado da apresentação ao Basílio, enfiou os ferrinhos no bolso da batina, de onde saía uma tibia e um peróneo. Separava-se de Almeida ao Arco de Almeida; os guitarristas também. Aquele, com Aristides e Pina Teles que os ia deixar na Malinha, tinha de calcular até às paragens da Alta. E metram à rua das Covas toda molhada em treva, profunda e sem fim. À porta da república, Aristides convenceu o amigo a passar a noite com êle. A cama do Lima estava vaga e êle tinha lençóis sobreceletes que a Malinha portia num rufo:

— Picas, que diabo! Também, por uma noite...

— Homem, não.

— Malinha! Oh senhora Mala! Senhora Mala! O que meçina Deolinda!

Abriu-se a porta da loja, que dava para a escada, e uma quarentona assomou, mal se lhe vendo o nariz sob o chale:

— Lá vou, senhor Doutor. Não os meniços subindo.

Aristides bradou:

— A cama do Lima quero-se feita. O senhor dr. Pina Teles vem cá pedir pensada...

Almeida, reogainando, enfiara já para o quarto, conhecido na casa pelo *caril tenboso*. A Deolinda, enquanto os senhores doutores tomavam o cháizmo, carrou a enxêrga do Lima para o cubículo de Aristides. Num rufo, fêz a cama.

— Vamos à deita? — convidou Pina Teles.

— Vamos lá.

— ...Homem, aqui há pitugas! — exclamou Pina Teles, dando um salto. E mosquitos! Eia! Deram-me agora aqui uma ferrada...

Ouviu-se no quarto um cachação insecticida. Pina Teles riscou na parede um fôfor e passou-o devagar pela cal, elevando a mão como quem pinta a fresco. Estava de joelhos sobre o colcho e em cuccas. Aristides mexeu-se na cama, estregou nos olhos, abriu-os, e distinguiu dois Pina Teles em



Arco de Almeida

frente: um achatado e de sombra; outro de carne e osso que vergava o enxérgo e lhe voltava o frastero. Ergueu meio corpo e reclamou:

— Tu bem podias deixar o mosquitolado... Estou com um sono de três dias.

— Pronto! E que me não largavam... Tu devias comprar um pote de águas.

Aristides aficouço o corpo no colcho, enquanto se ouviu um combóio ao longe apitar.

Só Pina Teles não pôde pegar no sono. As sete da manhã — mal havia passado por uma madorna de quarto de hora — apurou o ouvido e escoutou:

— Heiu?... A Roménia é um continente ou uma ilha?... A Roménia é um peixe ou um peixão?... Japão! Japão!

Aristides sonhava de rijo.

Acordaram depois às onze horas, — manhã de chuva cerrada, ting-linhenta, de luz velada e encardida.

VITORINO NEMÉSIO



A ponte da Portagem



Estudantes e triganos do mesmo tempo

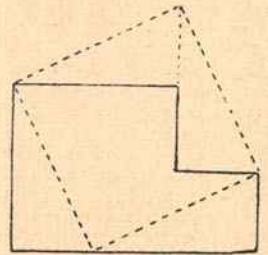




# Passatempo



O QUADRADO  
(Solução)



A gravura junta representa a solução mais simples entre aquelas que o problema pode ter.

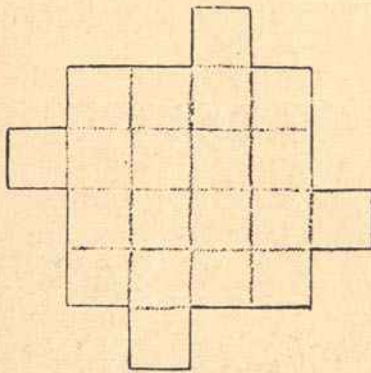
\*\*\*

CONFIRMANDO SEM QUERER

*Marido, indelicado:* — Há um defeito comum a tôdas as mulheres: é o de nos contradizerem sempre.

*Ela:* — Estás completamente enganado; isso não é verdade!...

UM EXERCICIO DE CABEÇA  
E DE TESOURA  
(Problema)

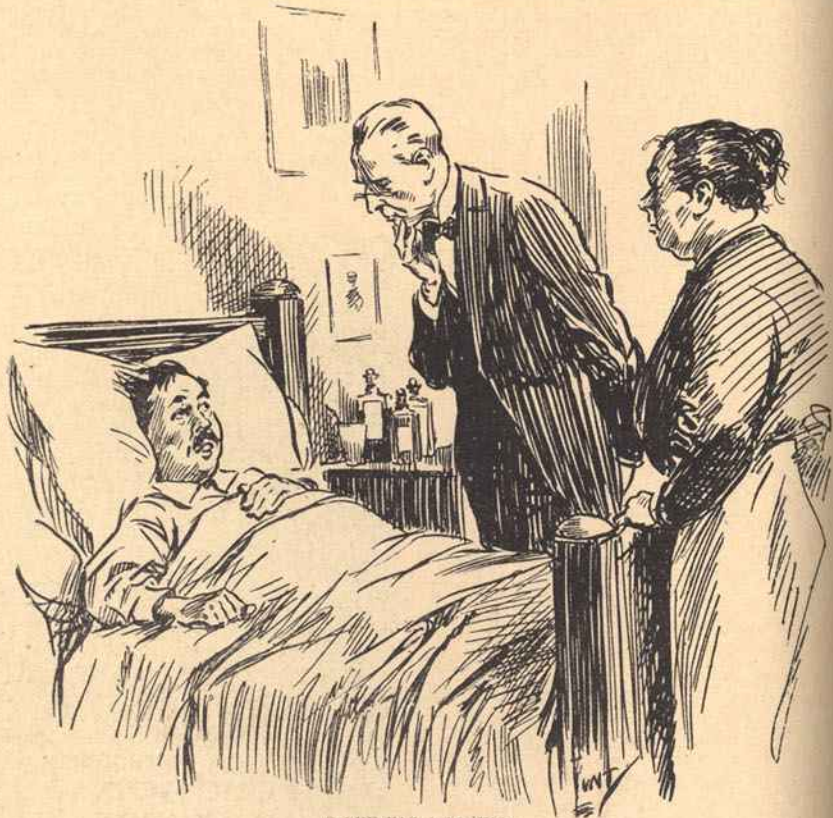


Dividir a figura junta em nove partes e formar com elas, unindo-as convenientemente, quatro quadrados perfeitamente iguais entre si.

\*\*\*

Certo caçador gabava muito a um seu amigo o exercicio da caça e incitava-o para que êle se dedicasse a êsse divertimento, que era dos melhores.

— Divirta-se, meu caro — respondeu-lhe o outro — com o passatempo que tanto elogia, que eu não estou disposto a correr atrás de quem vóa, nem a esperar por quem não prometeu de vir.

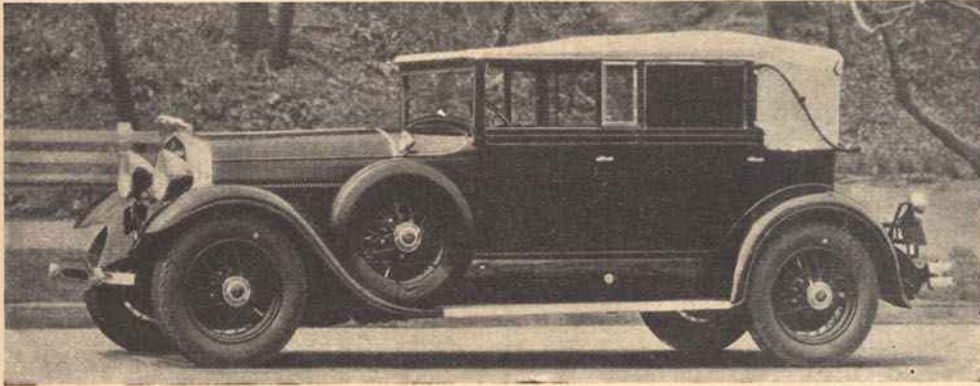


O QUE FAZ A PRÁTICA

*O médico:* — Já vejo que tosse com mais facilidade esta manhã.  
*O doente:* — Não admira, sr. Doutor; tenho estado a exercitar-me tôda a noite.



# LINCOLN



Sedán descapotable por Dietrich

## POSSUIR UM "LINCOLN" É PRIVILEGIO EXCLUSIVO DE UMA ELITE

**E**M cada ano somente se constroem um numero reduzido de automoveis Lincoln. São tais as exigencias na selecção dos materiais e o escrupuloso cuidado na fabricacção das suas peças que a construcção de um Lincoln deve forçosamente ser uma operacção conscienciosa e lenta. Cada peça é submetida a provas mais demoradas que as de um chronometro, tanto em peso como em dimensões para obter um perfeito ajuste e equilibrio. Algumas fabricam-se com uma precisão de 1/15 da grossura de um cabelo.

Assim, em cada ano unicamente pode sahir das suas oficinas um numero muito limitado de carros Lincoln para ser oferecido aos magnates de todo o mundo.

LINCOLN  
División de la Ford Motor Ibérica  
BARCELONA



Coches Camiones  
**Fordson**  
Tractores



# BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

A MAIS COMPLETA QUE SE PUBLICA EM LÍNGUA PORTUGUESA, E TÃO PROFICIENTE COMO A MELHOR DAS QUE SE EDITAM NO ESTRANGEIRO

**ÚLTIMO VOLUME PUBLICADO:** MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMOVEIS

Nova edição, ainda com mais gravuras do que a primeira, e versando já os mais modernos aperfeiçoamentos introduzidos na indústria automobilista.

Livro escrito por uma autoridade no assunto e que muito se avanta, na soma dos conhecimentos e na clareza da sua exposição, a todos os congéneres até agora aparecidos.

670 PÁGINAS E PERTO DE 715 GRAVURAS

**PREÇO 30\$00**

Dirigir pedidos às LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## GRANDE NOVIDADE LITERARIA

*O MAIOR EXITO DE LIVRARIA*

AUGUSTO DE CASTRO

Socio efectivo da Academia  
de Sciencias de Lisboa

NOVELAS

ENEZA

UMA NOITE

— E —

SOLAR DE FRADES

São duas notaveis novelas, em que, na mais bela prosa portuguesa, se faz a historia de três corações femininos

**PREÇO 15\$00**

À VENDA NA FILIAL DO

**"DIARIO DE NOTICIAS"**

LARGO DE TRINDADE COELHO, 10 E 11  
E nas outras livrarias

## HISTORIA DE PORTUGAL

DE

ROCHA MARTINS

Edição da Empresa Nacional de Publicidade  
(\*Diario de Noticias\*)

O 1.º tomo desta magnifica obra  
sai no mês de Janeiro, encerran-  
do-se brevemente a assinatura

*As condições para possuir este completissimo compendio de Historia Patria são as seguintes: 30\$00 de uma só vez, facilitando-se o pagamento em duas prestações, por 17\$50 cada uma ou cinco de 7\$50*

Todos os pedidos de assinatura  
devem ser dirigidos  
ao «DIARIO DE NOTICIAS»  
às suas sucursais ou a qualquer livraria



# COLUMBIA

A GRANDE MARCA  
DE SEMPRE

## APRESENTA

COM OS MARAVILHOSOS  
DISCOS NOVOS DO SEU  
REPORTORIO

## O NOVO MODELO DE GRAFONOLA (202)

COM AS SEGUINTE CARACTERÍSTICAS,  
ÚNICAS EM MODELOS PORTÁTEIS :

- **CORDA** PARA MAIS DE UM DISCO
- **MAIOR VOLUME DE SOM**
- **MELHOR QUALIDADE DE SOM** DO QUE QUALQUER OUTRA, DEVIDO AO SEU DIAFRAGMA «VIVA-TONAL» 113—O MELHOR CONHECIDO
- **PARAGEM AUTOMÁTICA** NO FIM DE QUALQUER DISCO, **SEM NECESSIDADE DE PRÉVIA REGULAÇÃO**
- UM **ALBUM ANEXO** PARA OITO DISCOS

---

AGENTES GERAIS :

P. SANTOS & C.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>

R. Ivens, 52-54

R. Garrett, 57, 59, 61

LISBOA

P. B. X. C. 382

DISTRIBUIDORES

NO NORTE :

CUNHA LIMA & LEÃO,  
SUC.

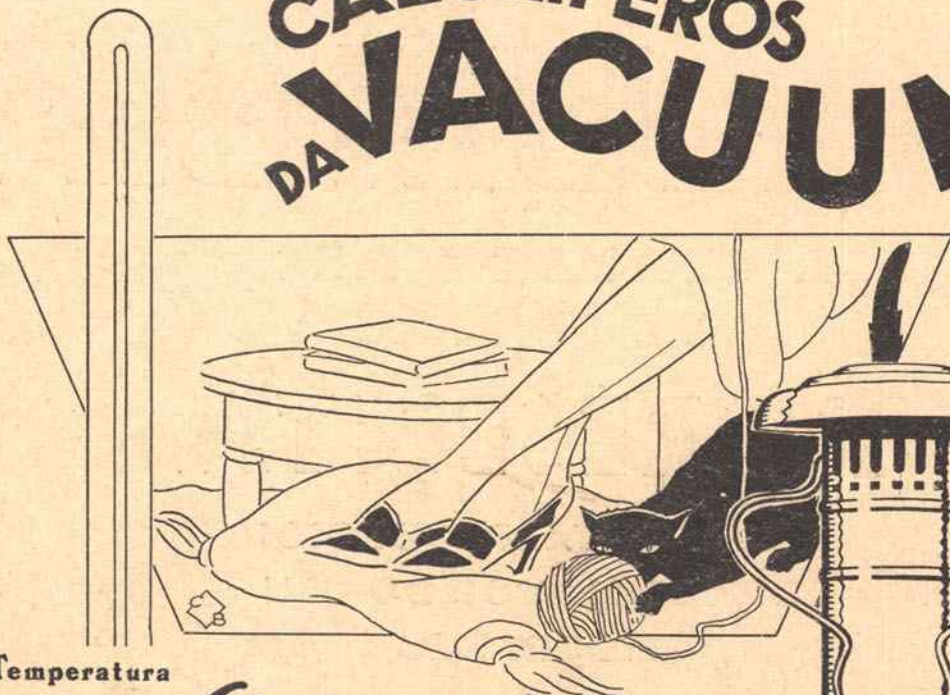
R. 31 Janeiro, 193-199

PORTO

---



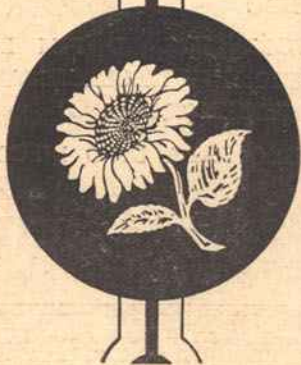
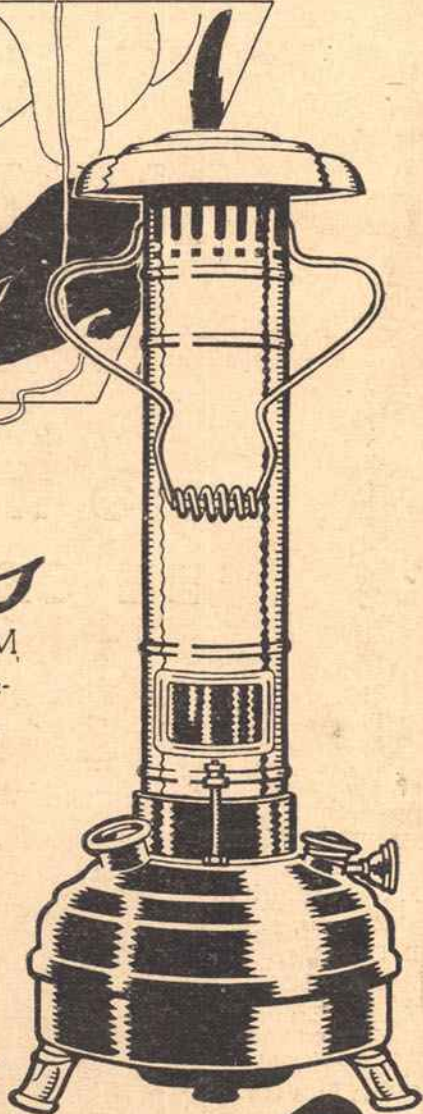
# CALORIFEROS DA VACUUM



Temperatura  
da Primavera

*Os pés  
frios*

Um Calorifero da VACUUM,  
que além de oferecer toda a se-  
gurança, liga bem com qual-  
quer estilo de mobília, é  
uma agradável compa-  
nhia para os dias de  
frio. Não deita cheiro  
algum, quando  
funciona com



**PETROLEO  
SUNFLOWER**

509

R. da Horta Sêca, 17 — Telef T 980. Rocio, 67 — Telef. T. 3075